

VIA

R E V I S T A

Ano 2 - N°2 - março 2017

Josep Piqué
“CULTURA E AMPLO
TERRITÓRIO FREIAM
INTERNACIONALIZAÇÃO”

Da
incubadora
ao berçário:
novos
habitats
brasileiros

Associação
de Parques da
Espanha: “Acelerar
é urgente”

Personalidade
jurídica e
serviços
oferecidos no
Brasil

Parques Científicos
Tecnológicos e de Inovação
Novas configurações extramuros



Saudações, caro leitor

Na segunda edição da VIA Revista, publicação institucional do grupo de pesquisa em Habitats de Inovação VIA Estação Conhecimento, da Universidade Federal de Santa Catarina, temos o prazer de apresentar a temática dos Parques Científicos, Tecnológicos e de Inovação. Tendo a valiosa colaboração de entrevistados que são referências no assunto, inclusive internacionais, conduzimos nosso texto híbrido, envolvendo ciência e jornalismo para compartilhar os resultados de nossos mais recentes estudos já publicados.

Esta edição traz à luz pesquisas do grupo VIA envolvendo definições, serviços, configurações jurídicas, comunicação e sustentabilidade. As 60 páginas perpassam os conceitos e estruturas de Parques no mundo, como eles são no Brasil, o que oferecem e como estão se preparando para o futuro e a inovação.

Além de aspectos operacionais e pesquisas recentes, o leitor tem acesso a recomendações como a do presidente da Associação Mundial dos Parques (IASP), Josep Piqué, que enfatiza a importância de



o Brasil gerar empresas globais. Já Paco Negre, vinculado à Associação Espanhola de Parques (APTE), alerta sobre necessário equilíbrio entre atividades de incubação e aceleração.

Das referências brasileiras, podemos aprender com uma “rede para as redes”, pela representatividade do Sistema de Inovação do Estado de São Paulo. Também podemos ter acesso à contextualização nacional da Anprotec sobre projeções para os Parques brasileiros.

Lembramos que todos os conteúdos aqui publicados delegam a explicitação das referências bibliográficas completas aos textos originais, já publicados pelos pesquisadores e devidamente citados em nossos rodapés. Esperamos que você aprecie a leitura.

Clarissa Stefani Teixeira,

Araci Hack Catapan

Professoras UFSC e líderes do Grupo de Pesquisa CNPq

expediente



Universidade Federal de Santa Catarina

Reitor: Prof. Luis Carlos Cancellier de Olivo



Departamento de Engenharia do Conhecimento

Chefe de depto: Prof. José Leomar Todesco

Programa de Pós-Graduação em Engenharia e

Gestão do Conhecimento (EGC)

Coordenador: Prof. Roberto Carlos dos S. Pacheco



Grupo de Pesquisa em Habitats de Inovação

Corpo Docente: Araci Hack Catapan

Clarissa Stefani Teixeira

Eduardo Moreira da Costa

Francisco Antonio Pereira Fialho

Hans Michael Van Bellen

Luiz Antônio Moro Palazzo

Marcelo Macedo

Marcio Vieira de Souza

Tarcísio Vanzin

Via Revista

Projeto Gráfico: Mariana Barardi

Edição: Sicília Vechi (SC 01798 JP)

<http://via.ufsc.br/>

ISSN 2525-6890

Fotos capa e página 2: Sapiens Parque/Divulgação

SUMÁRIO



5 Parques inovadores para evolução sem fronteiras



12 Uma introdução aos Parques Científicos e Tecnológicos

15 Josep Piqué: “Cultura e amplo território freiam internacionalização”

18 Conheça experiências globais de duas pesquisadoras

22 Personalidade Jurídica de Parques Brasileiros



32 O mapa dos serviços oferecidos no Brasil

35 Curadoria digital e notícia nos websites de Parques

39 Sistema Paulista é uma rede para as redes



43 Bases edificadas em P&D e inovação

48 Paco Negro: “Acelerar é mais urgente que incubar”

51 Novo Parque: da incubadora ao berçário

53 BioTIC é novo Parque Tecnológico em Brasília



56 Jorge Audy: “ano de repensar os Parques no Brasil”

58 Dicas de Leitura

60 Metodologia para ler entorno de habitats de inovação.

PARQUES

TERRITÓRIOS INOVADORES: EVOLUÇÃO SEM FRONTEIRAS

Nossa jornada de informação e atualização sobre os Parques começa com uma ideia um pouco mais abrangente, sobre habitats de inovação. Com as definições da OCDE (2005)¹, de que uma empresa pode inovar em produtos (bens ou serviços); processos; aspectos organizacionais e marketing, considera-se que, para além das empresas, os habitats de inovação são estruturas que contribuem tanto para o desenvolvimento das regiões quanto para a manutenção e fortalecimento de empreendimentos de diversos tipos e portes.

¹ OCDE, MANUAL DE OSLO. Diretrizes para coleta e interpretação de dados sobre inovação. Publicação Conjunta da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e Gabinete Estatístico das Comunidades Europeias, 2005.

*A pesquisa integral na qual se baseia este texto encontra-se publicada no e-book **Parques Científicos e Tecnológicos: Alinhamento Conceitual**

AUTORES DA PESQUISA



Milena Maredmi Correa Teixeira



Ana Cristina da Silva Tavares Ehlers



Clarissa Stefani Teixeira

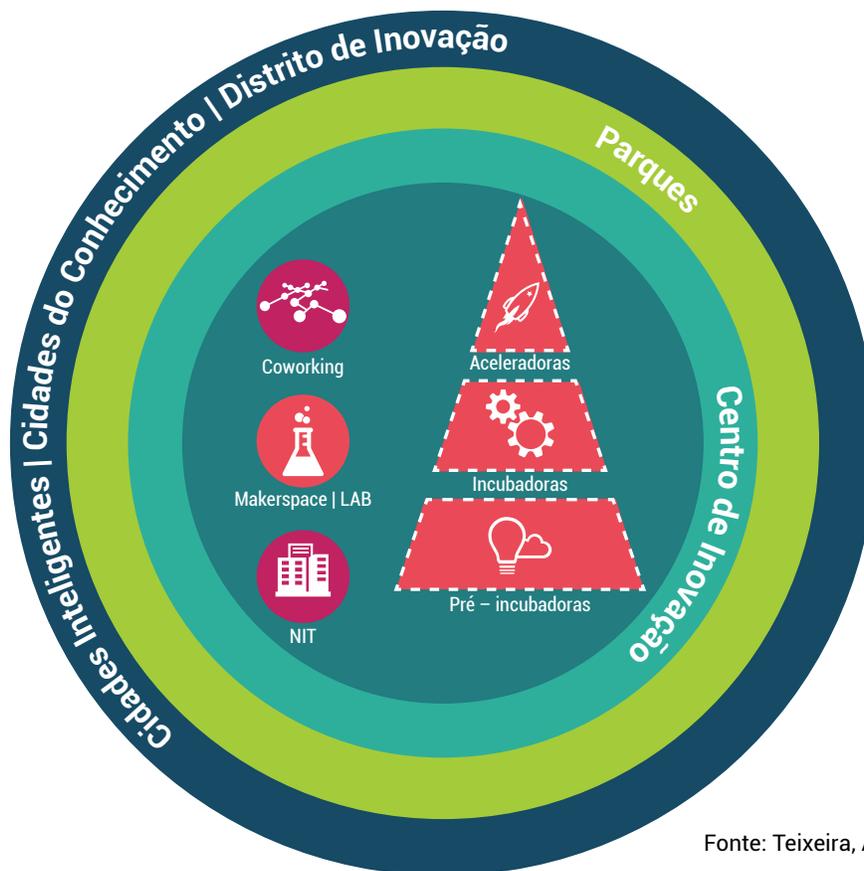


Carmen Ádan



Josep Miquel Piqué Huerta

Tipologias de habitats de inovação



Fonte: Teixeira, Almeida e Ferreira (2016)

Para começar, vamos considerar *habitats* de inovação como “espaços diferenciados, propícios para que as inovações ocorram, pois são locus de compartilhamento de informações e conhecimento, formando networking, e permitem minimizar os riscos e maximizar os resultados associados aos negócios” (TEIXEIRA et al., 2016)¹.

Esses ambientes começam a ser percebidos nos anos de

1950, mas se expandem, inclusive no Brasil, a partir da década de 1980, para promover o desenvolvimento local/regional e estimular a pesquisa, o desenvolvimento e a inovação.

Labiak Jr. (2012)² contribuiu com a reflexão, levantando como missão dos habitats de inovação “a estruturação de uma cultura empreendedora fazendo com que em-

preendedores tenham uma visão comum de crescimento regional”. São exemplos: cidades inteligentes, Parques, centros de inovação, aceleradoras, incubadoras, pré-incubadoras, *coworking*, *makerspace* e núcleos de inovação tecnológica (NITs) (TEIXEIRA et al., 2016). A figura a seguir objetiva facilitar a compreensão sobre os habitats dentro de um sistema de inovação.

1 TEIXEIRA, C. S.; ALMEIDA, C. G.; FERREIRA, M. C. Z. **Habitats de Inovação: Alinhamento Conceitual**. Florianópolis, 2016.

2 LABIAK JÚNIOR, Silvestre. **Método de Análise dos Fluxos de Conhecimento em Sistemas Regionais de Inovação**. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

Os Parques

Dentro dos ecossistemas de inovação, os Parques representam territórios onde se desenvolve a economia do conhecimento. Adán (2012)⁴ aponta para a origem destes habitats no Vale do Silício, com o *Stanford Industrial Park* nos anos 50 na Califórnia, Estados Unidos. Do modelo industrial ao centro de alta tecnologia junto à universidade, o centro global de inovação e alta tecnologia é seguido como referência mundial. Pelo mundo, des-

de então, os Parques surgem para desenvolver produtos e serviços inovadores e manter o capital intelectual criado nas universidades (COOPER, 1971)⁵.

No Brasil, 51* Parques estão em operação, de acordo com a Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (ANPROTEC)⁶.

Nestes mais de 65 anos de história da aparição dos Parques,

a diversidade de objetivos, agentes, modelos e nomes torna a realidade complexa e difícil de unificar em uma definição. Na esfera dos *habitats* de inovação, os Parques surgem como Científicos, Tecnológicos, Científicos e Tecnológicos, de Pesquisa, de Inovação. A seguir, a partir de estudo realizado pelo grupo de pesquisa VIA Estação Conhecimento (EGC/UFSC)⁷ em 2016, colhemos algumas definições.

Definições conforme tipologias dos Parques segundo associações internacionais

	Association of University Research Parks (AURP)	Parques de Pesquisa	Um Parque Científico é uma organização gerenciada por profissionais especializados, cujo objetivo é aumentar a riqueza e o bem-estar da sua comunidade, por meio da promoção da cultura da inovação e da competitividade dos empreendimentos e das instituições técnico científicas que lhe são associados. Para viabilizar a consecução desses objetivos, o Parque gerencia e estimula o fluxo de conhecimento e de tecnologia entre universidades, instituições de pesquisa e desenvolvimento (P&D), empresas e mercados; facilita a criação e o crescimento de empresas de base tecnológica por meio da incubação e de spin-offs e fornece outros serviços de alto valor agregado aliados a um espaço físico e serviços de apoio de alta qualidade
---	---	---------------------	---

* O número de parques remete ao período da pesquisa aqui apresentada. Em janeiro de 2017, a VIA refez o levantamento e apurou 52 parques existentes em operação no Brasil.

4 ADÁN, Carmen. **El ABC de los parques científicos**. Seminarios de La Fundación Española de Reumatología, v. 13, n. 3, p. 85-94, 2012.

5 COOPER, A. C. **Spin-offs and technical entrepreneurship**. IEEE Transactions on Engineering Management, v. 18, n. 1, p. 2-6, 1971.

6 MCTI. **Estratégia Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação (Encti)**. 2016-2019. MCTI; Brasília. 2016. 128p.

7 TEIXEIRA, M.M.D.; EHLERS, A.C.S.T.; TEIXEIRA, C.S.; ADÁN, C.; HUERTA, J.M.P. **Parques Científicos e Tecnológicos**. Alinhamento Conceitual. Florianópolis, 2017. E-book.

	<p><i>Swedish Incubators and Science Parks (SISP)</i></p>	<p>Parque Científico</p>	<p>Um Parque Científico é um estimulante ponto de encontro para academia, pesquisa, setor público e indústria. Administra e estimula o fluxo de tecnologia e conhecimento entre universidades e instituições de desenvolvimento e empresas do mercado. A maioria das empresas dentro ou no entorno de um Parque Científico são pequenas e médias empresas (PME's), mas a tendência é que um número maior de empresas grandes se conectem ao Parque.</p>
	<p><i>Finnish Science Park Association (TEKEL)</i></p>	<p>Parque Científico</p>	<p>Parques Científicos apoiam a criação, o crescimento e a internacionalização de empresas de tecnologia intensiva e companhias em crescimento. Eles oferecem aos seus clientes um ambiente de inovação e operacional que ativa o crescimento, serviços de desenvolvimento empresarial, cooperação em programas e projetos e os principais contatos e conexões de rede.</p>
	<p><i>International Association of Science Parks and Areas of Innovation (IASP)</i></p>	<p>Parque Tecnológico</p>	<p>Parques Tecnológicos são complexos de desenvolvimento econômico e tecnológico que visam fomentar economias baseadas no conhecimento por meio da integração da pesquisa científica-tecnológica, negócios/empresas e organizações governamentais em um local físico, e do suporte às inter-relações entre estes grupos. Além de prover espaço para negócios baseados em conhecimento, estes podem abrigar centros para pesquisa científica, desenvolvimento tecnológico, inovação e incubação, treinamento, prospecção, como também infraestrutura para feiras, exposições e desenvolvimento mercadológico. Eles são formalmente ligados (e usualmente fisicamente próximos) a centros de excelência tecnológica, universidades e/ou centros de pesquisa.</p>
	<p><i>United Kingdom Science Park Association</i></p>	<p>Parque Tecnológico</p>	<p>Parque Tecnológico é uma iniciativa privada que, possui ligações formais e operacionais com uma universidade, uma instituição de ensino superior ou um centro de pesquisa. E é projetada para encorajar a formação e o crescimento de empresas baseadas no conhecimento e outras organizações que se estabelecerem no local. Possui uma função administrativa, a qual está ativamente engajada com a transferência de tecnologia e de competências empresariais para as empresas lá localizadas.</p>

	<p>Associazione dei Parchi Scientifici e Tecnologici Italiani (APSTI)</p>	<p>Parque Científico e Tecnológico</p>	<p>Parques Científicos e Tecnológicos são integrados entre o mercado e a produção de conhecimento, como um instrumento facilitador do caminho entre as necessidades de apoio à inovação e as possíveis soluções, aumentando o diálogo entre a pesquisa científica e a produção de bens e serviços.</p>
	<p>United Kingdom Science Park Association (UKSPA)</p>	<p>Parque Científico e Tecnológico</p>	<p>Parque Científico e Tecnológico é um agrupamento de negócios baseados em conhecimento, em que facilidades e aconselhamentos são oferecidos no apoio ao crescimento das empresas. Na maior parte dos casos, os Parques estão associados a um centro de tecnologia, uma universidade ou um instituto de pesquisa.</p>
	<p>Madrid Network</p>	<p>Parque Científico e Tecnológico</p>	<p>Os Parques Científicos e Tecnológicos são espaços e instalações de grande qualidade onde se estimula e gere o fluxo de conhecimento e tecnologia entre universidades e instituições de pesquisa, empresas e mercados. Impulsionam a criação e o crescimento de empresas inovadoras mediante mecanismos de incubação e spin-off e proporcionam outros serviços de valor acrescentado. Geram conhecimento, empresas inovadoras e redes de colaboração.</p>
	<p>Association of University Research Parks (AURP)</p>	<p>Parques de Pesquisa</p>	<p>Um Parque de Pesquisa é um empreendimento que:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Os planos diretor de propriedade são projetados para pesquisa e comercialização; • Cria parcerias com universidades e instituições de pesquisa; • Incentiva o crescimento de novas empresas; • Traduz tecnologia; • Dirige o desenvolvimento econômico baseado em tecnologia.

Fonte: Teixeira et al., 2016

Definições conforme tipologias dos Parques segundo associações internacionais

 <p>Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação</p> <p>GOVERNO FEDERAL BRASIL PAIS RICO É PAIS SEM POBREZA</p>	<p>Programa Nacional de Apoio às Incubadoras de Empresas e Parques Tecnológicos (PNI)</p>	<p>Parque Tecnológico</p>	<p>Complexos de desenvolvimento econômico e tecnológico que visam fomentar e promover sinergias nas atividades de pesquisa científica, tecnológica e de inovação entre as empresas e instituições científicas e tecnológicas, públicas e privadas, com forte apoio institucional e financeiro entre governos federal, estadual e municipal, comunidade local e setor privado (BRASIL, 2009).</p>
	<p>Lei nº 13.243, de 11 de janeiro de 2016.</p>	<p>Parque Tecnológico</p>	<p>Complexo planejado de desenvolvimento empresarial e tecnológico, promotor da cultura de inovação, da competitividade industrial, da capacitação empresarial e da promoção de sinergias em atividades de pesquisa científica, de desenvolvimento tecnológico e de inovação, entre empresas e uma ou mais Instituições Científica, Tecnológica e de Inovação (ICTs), com ou sem vínculo entre si (BRASIL, 2016).</p>

Fonte: Teixeira et al., 2016



Foto: Banco de imagens/cc

Conforme o Glossário da Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (ANPROTEC), em conjunto com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE)¹

Parque é um complexo industrial de base científico-tecnológica planejado, de caráter formal, concentrado e cooperativo, que agrega empresas cuja produção se baseia em pesquisa tecnológica desenvolvida nos centros de P&D vinculados ao Parque; empreendimento promotor

da cultura da inovação, da competitividade, do aumento da capacitação empresarial fundamentado na transferência de conhecimento e tecnologia, com o objetivo de incrementar a produção de riqueza (ANPROTEC; SEBRAE, 2002 p. 81)

Parques de Inovação

“Os Parques de Inovação se posicionam como ambientes voltados a estimular, propiciar, facilitar e recompensar o pensamento criativo e empreendedor, unindo diversos elementos que permitem aproximar-se do desenvolvimento sustentável com base na economia do conhecimento, mas para tal é fundamental a existência de sistemas que promovam, apoiem e financiem a implantação destes, seja por meio de leis específicas, políticas públicas, assim como de outros mecanismos que ampliem a sinergia entre os diversos atores envolvidos na promoção da inovação”. Silveira (2010, p. 56).² 

1 ANPROTEC; SEBRAE. **Glossário dinâmico de termos na área de Tecnópolis, Parques Tecnológicos e Incubadoras de Empresas.** BRASILIA – DF, 2002.

2 SILVEIRA, F. E. G. **Sustentabilidade e inovação: o caso do Sapiens Parque.** Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. 188p.

RESENHA

UMA INTRODUÇÃO AOS PARQUES CIENTÍFICOS E TECNOLÓGICOS

O artigo "**El ABC de los parques científicos**"¹, da coordenadora da Rede Parques Científicos e Tecnológicos da Catalunha, Barcelona, Espanha, Carmen Adán, faz uma revisão conceitual e reúne características dos Parques Científicos e Tecnológicos.

Os Parques Científicos e Tecnológicos – PCTs se originam do conceito de universidade empreendedora, na economia do conhecimento, conferindo à universidade uma terceira missão além do ensino e da pesquisa, que é a transferência dos resultados obtidos em ciência e da tecnologia para as empresas e a sociedade.

Sem um modelo único de composição e atuação, os Parques se tornam redes complexas, que agregam formatos e funções diferentes, segundo sua concepção. Possuem principalmente como característica a aglomeração de empresas de tecnologia inovadoras e de capital especializado, universidades e centros de pesquisa.

AUTOR DO RESUMO



Tobias Furlanetti

A diversidade de objetivos, modelos, experiência e trajetória reflete a complexidade em torno do nome comum de Parques Científicos e Tecnológicos, muitas vezes difícil de se perceber em uma única definição.

1 ADÁN, Carmen. **El ABC de los parques científicos**. Seminarios de La Fundación Española de Reumatología, v. 13, n. 3, p. 85-94, 2012.

Nascidos nos anos de 1950, na Califórnia (EUA), no famoso Vale do Silício, os PCTs se consolidaram especialmente no início dos anos oitenta, com real expansão na década de noventa, principalmente na Europa. A partir desse momento, os PCTs assumiram um papel de instrumentos de desenvolvimento econômico e social do território. Seu surgimento passa pelo reconhecimento do novo paradigma econômico e social que é o conhecimento, passando pela necessidade de financiamento das universidades e de suas pesquisas, assim como por um processo de transformação da própria universidade.

A universidade é vista como o centro de capitalização do conhecimento e o transfere de diversas formas, como em oficinas de transferência tecnológica, em incubadoras ou como integrantes de parques científicos e tecnológicos.

As associações público-privadas são uma das bases para impulsionar a sinergia entre as entidades em torno dos parques. Esses espaços híbridos entre ciência, tecnologia e empresas são utilizados nas políticas públicas de muitos países como instrumento de desenvolvimento econômico e social dos territórios onde se localizam.

Na primeira fase dos parques científicos e tecnológicos, eles surgiram como instrumentos de política industrial para atrair setores estratégicos, próprios da nova economia. Com as transformações sociais e econômicas, a partir dos anos 90, começou a ser reconhecido o papel dos territórios e das regiões como variáveis do sistema econômico, destacando-se a importância dos territórios locais e regionais para o desenvolvimento dos ecossistemas de investigação e inovação.

Na compreensão de Jan Annerstedt (2011), a geração atual é aquela em que as funções do Parque se integram com o espaço urbano, em um entorno dinâmico com a cidade e a região.

A diversidade de objetivos, modelos, experiência e trajetória reflete a complexidade em torno do nome comum de Parques Científicos e Tecnológicos, muitas vezes difícil de se perceber em uma única definição. Por isso podemos destacar as características de uma variedade de conceitos que vão desde a UNESCO; as associações internacionais: *International Association of Science Parks – IASP*; e *Association of University Research Parks – AURP*; também as associações nacionais como: *United Kingdom Science Park Association, UKSPA*; Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores - ANPROTEC; e Associa-

John Allen (2007)¹ descreveu a terceira geração dos parques científicos e tecnológicos:

- ***Atores globais com rotas locais, em que os parques definem uma imagem, a marca da cidade em que se localizam e a projetam no exterior.***
- ***Empresas sem fronteiras e com presença no mercado internacional.***
- ***Parques são partes da comunidade onde se localizam e entorno.***
- ***Dependem de uma gestão profissional de qualidade, devido à diversidade no parque e para permitir negócios sustentáveis e atraentes a investidores.***
- ***O parque é um elemento essencial das atividades da Universidade e representa parte de diversas redes.***



Autora da pesquisa:
Carmen Adán

A tendência do PCTs como território econômico e instrumentos de desenvolvimento coincide com uma maior predisposição a concentrar-se na gestão de intangíveis, pautado mais no conhecimento em vez da infraestrutura de prédios e equipamentos. Por essa razão, tem chamado atenção o desenvolvimento relacionado ao processo de maturidade de um Parque envolvendo essa “desmaterialização”.

ción de Parques Científicos y Tecnológicos de España – APTE, e até em legislações, como na Polônia.

Em muitas definições de Parques destaca-se a importância da existência de serviços de transferência de tecnologia, passando pelo compartilhamento de conhecimento e tecnologia, com a existência de agrupamentos de empresas em Parques ou em seus arredores. Assim, se pode destacar alguns elementos comuns de PCT, tais como:

- A gestão do conhecimento, tecnologia e inovação por uma equipe de profissionais.
- Diversificada vinculação com universidades, grupos de pesquisa, hospitais universitários ou outras fontes de conhecimento.
- A promoção do PCT no uso de mecanismos de transferência de conhecimento e tecnologia da universidade para ajudar na

criação e no crescimento das empresas.

- A concentração de agrupamentos de empresas de tecnologia inovadora baseada no parque, ou ao redor.
- O objetivo de melhoria da riqueza e desenvolvimento econômico do território onde estão localizados.

Em geral, os PCTs propiciam um ambiente e espaço vinculador aos que procuram criar sinergias e facilitar o fluxo de conhecimento e tecnologia entre as organizações que integram sua comunidade. As sinergias apoiam a consolidação e o crescimento de empresas de tecnologia e base inovadora, especialmente aquelas que estão apenas na fase inicial de take-off (start-ups, spin-offs), um elemento chave da economia atual. Nesse contexto, os PCTs assumem o importante papel de atrair e reter talentos e criar ocu-

pação qualificada.

Outro elemento chave para a pesquisa e para a criação e consolidação de empresas é o acesso ao capital, tanto público quanto privado. O acesso ao capital privado é essencial para a criação e desenvolvimento das empresas.

Sendo assim, esses são modelos de PCTs muito mais abertos a interagir com o seu ambiente e com outros elementos que têm objetivos comuns, tais como clusters, laboratórios vivos, cidades inteligentes, corredores ou áreas de inovação tecnológica, entre outros.

Os PCTs podem ser considerados como habitats para a inovação, espaços que quebram as barreiras institucionais e organizacionais e promovem a integração de múltiplos agentes que estão integrados, facilitando o fluxo de transferência de conhecimento e de tecnologia entre estes agentes. ●



Josep Piqué

INOVAR NO BRASIL

CULTURA E AMPLO TERRITÓRIO FREIAM INTERNACIONALIZAÇÃO

O espanhol Josep Miquel Piqué, CEO da La Salle Technova Barcelona, assumiu em setembro de 2016 o posto de novo presidente da Associação Internacional de Parques Científicos e Áreas de Inovação (International Association of Science Parks and Areas of Innovation), a IASP, na conferência global da entidade que foi realizada em Moscou, na Rússia, envolvendo uma diretoria com 13 diferentes nacionalidades. Piqué esteve na vice-presidência nos dois anos anteriores. Com 32 anos de fundação, a IASP é uma organização global que reúne parques científicos e tecnológicos e áreas de inovação em todo o mundo.

Em entrevista à VIA Revista, o presidente da IASP reforçou a existência de uma relação sistêmica da entidade no Brasil, considerada dinâmica e muito bem articulada no país por meio da Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (ANPROTEC). Mais do que ações protocolares ou diplomáticas, a avaliação de Piqué ressalta um olhar atento sobre as condições para a inovação no Brasil e prioridades para os próximos anos.

REPORTAGEM



Sicília Vechi

**Seguramente, a
baixa mobilidade
empresarial é o ponto
mais crítico para a
inovação no Brasil.**

“

“Se na Finlândia um empreendedor nasce global, porque o território de seu país não é suficiente para ele empreender, no Brasil o mercado suficientemente grande, que não deixa de ser uma vantagem, funciona, por outro lado, com uma espécie de freio. Isto acontece porque os empreendedores brasileiros não têm desde sua origem um exercício de abordar mercados internacionais com estratégias multilíngues, estratégias multicanal e até mesmo estratégias legais, conhecendo a realidade dos outros países”.

“O Brasil tem muito boa capacidade de desenvolver ciência e tecnologia, mas ainda têm de assegurar que seu sistema crie conexões com mercados globais, o que é um ponto chave para o país. Como segundo elemento, podemos apontar a mobilidade dos talentos e a necessidade do Brasil em desenvolver, como já tem iniciado, os park managers ou gestores de ecossistemas, que são pessoas formadas em diferentes locais e Parques do mundo. **Seguramente, a baixa mobilidade empresarial é o ponto mais crítico para a inovação no Brasil.** Hoje o país tem a sorte de ser um mercado grande o suficiente para as empresas nascerem e crescerem, mas isso não é o bastante para se abordar mercados internacionais.”



Cinco objetivos estratégicos da nova gestão da IASP

Para o mandato nos próximos dois anos, Piqué apresenta um plano estratégico pra que a IASP seja “a rede de sistema de inovação global”.

- 1 Capacitar e partilhar conhecimentos com os gestores de parques para que eles respondam à conexão de seis ecossistemas locais com o sistema global de inovação.
- 2 Sistematizar a mobilidade internacional entre empresas, centros tecnológicos, talentos, tecnologias e fontes de financiamento.
- 3 Estabelecer e formalizar o diálogo com grandes corporações tecnológicas e organizações que demandem inovação para conectá-las sistematicamente à rede de parques.
- 4 Potencializar relações formais com instituições e organismos internacionais (ONU, Brooking Institution) para o desenvolvimento de alianças e o posicionamento dos parques como referências em inovação.
- 5 Aprofundar-se no reconhecimento de novos agentes e fórmulas de criação de ecossistemas de inovação para aprender e desenvolver sinergias com os mesmos, tal como ocorre em hub labs e think labs. ●

Curriculum

Piqué é engenheiro de telecomunicações por La Salle-URL, possui MBA pela ESADE e diplomas do Massachusetts Institute of Technology (MIT), da Universidade da Califórnia, Berkeley e da Universidade Ramón Llull. Na longa experiência profissional, destacou-se promoção de programas de pós-graduação, centros de transferência de tecnologia, incubadoras de universidades e parques de ciência, tecnologia e inovação. Outra característica de seu trabalho é o desenvolvimento de organizações híbridas, com modelo de parceria baseado na tríplice hélice (universidade, indústria e administração pública). O foco do trabalho de Piqué é a promoção da economia e da sociedade baseada no conhecimento.

10 LIÇÕES de *Josep Piqué* sobre a Cultura de Inovação

Saiba mais:

Baixe o e-book da Rede Catarinense de Inovação (Recepeti) com orientações de Piqué para o desenvolvimento de uma cultura da inovação.



Fotos: Banco de Imagens/cc

EXPERIÊNCIA GLOBAL

JORNADAS DE DUAS PESQUISADORAS BRASILEIRAS



Patrícia Areas

Arquivo pessoal

Patrícia Areas

- Bacharel em Direito pela Universidade Estadual de Maringá
- Mestre e doutora em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina
- Doutoranda em Direito na Universitat de València (ES)
- Professora no departamento de Direito e no Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade na UNIVILLE

Andréa Bauer Tamanine e Patrícia Areas, docentes e pesquisadoras da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), são parte da resposta para uma das principais inquietações do presidente da IASP (International Association of Science Parks and Areas of Innovation), Josep Miquel Piqué, sobre o Brasil, manifestada nas páginas anteriores desta edição da VIA Revista. A angústia é sobre a baixa mobilidade dos gestores e pesquisadores para a formação profissional em nível internacional. Foi Barcelona, a base de atuação de Piqué, que as duas pesquisadoras de Santa Catarina escolheram para fazer pós-doutorado. Conheça um pouco das duas experiências e o que elas podem prover a habitats de inovação no Brasil.

Motivação para a região escolhida

Escolhi a região de Barcelona por vários motivos. Primeiro, a Catalunha e Santa Catarina já possuem parcerias, principalmente nos temas relacionados a Parques Científicos e Tecnológicos e Inovação, segundo, porque a Catalunha e, especificamente, Barcelona possuem uma tradição industrial, somada uma importante rede de universidades e centros de pesquisas que atuam com pesquisas de ponta, fomentando o processo de inovação na região. Em terceiro lugar, a Espanha possui normas e marcos legais com tradição jurídica parecida com a brasileira, o que facilitaria um estudo comparado dos dois sistemas nacionais de Ciência Tecnologia e Inovação.

Seu projeto

Identificar e analisar as estratégias jurídicas adotadas no caso do Habitat de Inovação que envolve o Grupo UB (Universidad de Barcelona), principalmente os casos do Parc Científic Barcelona (PCB), e da Fundación Bosch i Gimpera (Oficina de Transferencia de Tecnologia e Conhecimento da UB). A partir destes, destacar aqueles que tiveram algum impacto na transferência de tecnologia e conhecimento, propriedade intelectual, contratação na relação universidade - empresa e inovação e que poderiam servir como boas práticas para a realidade brasileira. O foco não é reproduzir modelos jurídicos destes locais, mas aprender com o que fizeram e propor alternativas e soluções jurídicas aos habitats de inovação brasileiros.

Experiência de pós-doutorado no exterior

Foi de grande relevância. Volto para o Brasil com novas ideias, mas também com uma visão de que desafios muito parecidos aos nossos são enfrentados em lugares que já têm uma forte experiência em Parques científicos e tecnológicos, bem como outros que enfrentamos agora e que aqui já foram vencidos, trazendo novos desafios a essas entidades. Percebi, por exemplo, que:

- As estratégias jurídicas são importantes e podem impactar positivamente no processo de inovação de uma região. Contudo, elas também podem ter um forte impacto negativo se não são precedidas de um plano claro.
- Uma boa estratégia jurídica deve ser reflexo um modelo de governança adequado a uma realidade, de um bom modelo de negócio, de uma equipe motivada e consciente de seu papel no todo da obra, dentre outros elementos.
- A estratégia jurídica depende não só de um marco legal adequado, mas de todo um sistema jurídico pensado de forma conjunta.
- O sucesso de uma estratégia jurídica também depende da capacidade dos agentes e atores de um habitat de inovação de trabalhar em rede. No fim das contas, são pessoas que estão por trás dos planos, projetos, regras e papéis.

Diferenças do Brasil

Uma das principais diferenças, desde a perspectiva do projeto de pesquisa proposto, é quanto à segurança jurídica propiciada, tanto pelo marco legal, quanto pela própria maturidade dos agentes envolvidos no que tange a tais modelos de ação. Não que não existam problemas, incoerências ou elementos que poderiam ser melhorados, mas alguns desafios que estamos enfrentando neste momento no Brasil, tais como procedimentos relacionados à participação da universidade no quadro societário de spin offs acadêmicas, hoje já foram superados por várias universidades, principalmente por meio da profissionalização dos gestores e equipe operacional dos setores de transferência de tecnologia e conhecimento.

O que você poderá incorporar a habitats brasileiros

Muitas coisas. Ideias e estratégias jurídicas que possam facilitar a criação e o desenvolvimento de Parques Científicos e Tecnológicos, conforme a realidade de cada região e entidade. Também formas alternativas de operacionalizar instrumentos legais já existentes em nosso ordenamento jurídico. Mas acredito que um dos aprendizados mais importante foi descobrir que não existe uma estratégia mágica para enfrentar os desafios dos Parques Científicos e Tecnológicos no Brasil. São várias as alternativas e instrumentos, desde a formação de uma personalidade jurídica própria ou não, até formas de tramitação da tomada de decisões e assinaturas de contratos.



Andréa Bauer Taminine



Arquivo Pessoal

Andréa Bauer Taminine

- Doutora em Letras pela Universidade Federal do Paraná UFPR.
- Pós-doutoranda em Gestão de Parques Tecnológicos foco em Transferência Tecnológica, no Parque Científico da Universidade Autônoma de Barcelona - PRUAB, Catalunha (ES).
- Coordenadora do Núcleo de Inovação e Propriedade Intelectual da UNIVILLE e professora titular nos cursos de Direito, Engenharia Mecânica, Engenharia Elétrica e Engenharia de Produção Mecânica.
- Professora substituta no Mestrado Profissional em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para Inovação – PROFNIT/UFSC.

Motivação para a região escolhida

Primeiramente destaco a qualidade do Parque Científico da Universidade Autônoma de Barcelona (PRUAB).

- Classificada pelo The World University Rankings (THE WUR 2015-2016) como primeira universidade espanhola;
- Primeira instituição da Espanha em depósito de patentes em 2015, conforme relatório de 2016 da Oficina Europeia de Patentes (EPO);
- Segunda universidade espanhola por volume de atividade científica, de acordo com o Scimago Institution Rankings World Report (SIR WR 2014);
- Ocupou o 12º lugar mundial das 150 melhores universidades do mundo em torno dos 50 anos, o THE Top 150 under 50 Ranking (THE 150u50 2015);
- A UAB tem 12 especialidades entre as melhores do mundo, a exemplo da área de saúde humana e animal, representando de fato uma instituição de excelência com a qual o Brasil deve ter relações próximas e de intercâmbio de competências e tecnologias.

Relativamente ao parque, o PRUAB tem sua constituição jurídica, histórico e plataformas tecnológicas comparáveis à maioria dos parques catarinenses. Está situado em região de excelência mundial em gestão de habitats de inovação. A Catalunha é uma região espanhola cujas características demográficas e econômicas são semelhantes às catarinenses e cujos planos de desenvolvimento estão muito próximos aos de Santa Catarina - a exemplo do

Plano Catalunha 2020, que defende seis áreas prioritárias: emprego e formação de pessoas, integração social, inovação, empreendedorismo, internacionalização e sustentabilidade (“economia verde”), áreas afins àquelas contempladas no modelo catarinense. Outrossim, Barcelona é uma das 10 cidades inteligentes do mundo e em 2015 recebeu o prêmio de Capital Europeia da Inovação – iCapital, como a cidade que está a construir o melhor “ecossistema de inovação”, ligando cidadãos, organizações públicas, universidades e empresas. Neste cenário, destaca-se o PRUAB como único parque científico com o selo TECNIO concedido pela Generalitat da Catalunha por sua comprovada atuação em transferência de conhecimento e tecnologia.

Seu projeto

O projeto proposto ao edital CAPES-ANPROTEC está centrado em estudar experiências de open innovation, desde as etapas de captação de demandas tecnológicas, formalização de parcerias, execução de pesquisa tecnológica ou identificação de tecnologias até a fase da efetiva transferência tecnológica.

Experiência de pós-doutorado no exterior

Sem dúvida, a oportunidade de realizar estudos práticos fora do Brasil foi uma experiência ímpar em minha trajetória profissional. Além da coleta de informações para geração de conhecimento aplicável aos programas e projetos dos habitats de inovação no Brasil, certamente a expansão da rede de contatos internacionais e a

construção dos primeiros passos (confiança e identificação demanda/oferta) para alianças cooperativas visando a internacionalização das práticas identificadas não ocorreria de outra forma, a não ser com a convivência estabelecida nesses 12 meses. Tudo começa e termina nas pessoas. É preciso oportunizar aos gestores experiências que contrastem aspectos culturais, econômicos e sociais para que a internacionalização passe de mero conceito às ações factíveis e positivas no cotidiano dos ecossistemas de inovação, aprimorando-os como sistemas dinamizadores das cidades e dos territórios. Um dos grandes desafios que enfrentamos é justamente a necessidade cada vez maior de especializarmos o uso dos nossos recursos, porém, sempre conectados com o que acontece globalmente. Se a internacionalização é fator preponderante da vida contemporânea em todos os seus âmbitos, ao se tratar da formação de capital humano altamente qualificado para a gestão da inovação, é impossível não a considerar imprescindível.

Diferenças do Brasil

Há o diferencial percebido em relação à maturidade dos parques europeus, especialmente pela forma como protagonizam novas formas de fazer. Outro aspecto relacionado a esta maturidade tem a ver com a interação entre os atores dos ecossistemas inovativos. Mesmo que não existam cenários perfeitos e que os problemas sejam praticamente os mesmos do outro lado do mundo, o tempo oportuniza extrair mais dos erros e acertos, permite aprender.

Este aprendizado faz toda a diferença qualitativa nos processos. No Brasil, apesar dos muitos esforços, ainda nos falta confiança e segurança para que colaborar seja a palavra de ordem. Outro ponto de diferença percebido é a própria internacionalização, pois a facilidade em cruzar fronteiras entre países europeus com projetos de inovação se dá pelo simples fato de que estes já precisam “nascer” internacionalizados. Esse tipo de política em seu volume de recursos, diretrizes e evolução de instrumentos se mostra muito superior ao que o Brasil e outros países sul-americanos dispõem para trabalhar juntos – o que espero que seja superado em breve.

O que você poderá incorporar a habitats brasileiros

Vivemos uma rotina intensa como gestores de habitats de inovação, agendas cheias, tarefas que se multiplicam em questão de minutos. Muitas vezes perdemos o foco e desperdiçamos energia. Desta forma, gostaria de reorganizar atividades para que, ao menos em 2017, possa de fato visitar habitats de inovação pelo Brasil, assim como dedicar-me especialmente àqueles que estão na região onde vivo. Ao fazê-lo, quero centrar minha contribuição no apoio à elaboração de estratégias e a aplicação de ferramentas de open innovation, especialmente em programas de geração de ideias e mercados de oferta e demanda tecnológica. Crédito que sempre há lugar para colaboração, seja nos habitats de inovação ou em outros atores que compõem o Sistema Inovativo, portanto, a ideia é fazer valer o aprendizado alcançado compartilhando-o. ●



CONFIGURAÇÕES

PERSONALIDADE JURÍDICA DE PARQUES BRASILEIROS

A expansão da infraestrutura de habitats de inovação no Brasil está muito ligada a políticas públicas do governo Federal, do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação e dos governos Estaduais, por meio das Secretarias voltadas a Ciência, Tecnologia e Inovação. Seja em âmbito federal ou em âmbito estadual as iniciativas de criação de espaços de inovação se associam, principalmente, a Parques (MCTI, 2010a; MCTI, 2010b).¹

AUTORES DA PESQUISA



Clarissa Stefani Teixeira



Gabriel Sant'Anna Palma Santos



Rafael Pereira Ocampo Moré



Ana Cristina da Silva Tavares Ehlers

1 TEIXEIRA, C. S.; SANTOS, G.S.P.; MORÉ, R.P.O. **Personalidade jurídica de parques brasileiros**. In: Conferência ANPROTEC de empreendedorismo e ambientes de inovação, 25, 2015, Florianópolis. Anais. Florianópolis: ANPROTEC, 2015. 21p.

O objetivo do presente estudo, portanto, é analisar a configuração jurídica de Parques Brasileiros e apresentar os benefícios e fragilidades decorrentes da sua personalidade jurídica que podem afetar o seu modelo de gestão.

Os estímulos levantam a importância de se investigar os pontos estratégicos, que podem se tornar gargalos para a implantação de diferentes habitats. A personalidade jurídica dos habitats de inovação, por exemplo, é observada na literatura existente como um dos principais fatores de dificuldade para a implantação e gestão de habitats de inovação, especialmente os Parques. No Brasil, estudos (PESSÔA et al. 2012; AUDY, CUNHA, FRANCO, 2014) vêm evidenciando os diferentes modelos, abrindo campo para o estudo e apresentação das melhores práticas, facilitando a tomada de decisão de gestores públicos e privados.

Foi realizada uma análise quanto às iniciativas de projeto, implantação e efetiva operação dos Parques brasileiros. Além disso, como forma de estudar o maior número possível de Parques, a pesquisa considerou o benchmarking realizado por Teixeira et al (2015) que apresenta 30 Parques já inaugurados e em operação no Brasil. Em atualização do mapeamento, a VIA Estação Conhecimento buscou

totalizar os parques em operação no Brasil atualizando os resultados do estudo.

Resultados

A necessidade da investigação é defendida pela literatura, a qual contextualiza que estas definições podem ser determinantes para o sucesso dos Parques.

- Horácio (2009): A própria atuação do Parque para a sua sustentabilidade pode ser limitada ou potencializada pela configuração jurídica adotada.
- Piqué e Bellavista (2011): O ciclo de vida de um Parque Científico e Tecnológico é organizado em quatro fases: definição, nascimento, crescimento e consolidação. Dentre as quais a fase de nascimento define, pela estrutura jurídica, se o empreendimento poderá ser ambiente de trabalho socializado e estimulante.

Dos 51 Parques em operação no Brasil, um Parque não informa de forma clara a sua configuração, impossibilitando os aprofundamentos.

Configuração jurídica e instituição gestora dos Parques brasileiros.

Estado	Parque	Configuração Jurídica	Entidade Gestora
Amazonas	UlbraTech Manaus	Instituição de Ensino Superior pluridisciplinar mantida pela Associação Educacional Luterana do Brasil (AELBRA)	Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) - Associação Educacional Luterana do Brasil (AELBRA)
Pará	Parque de Ciência e Tecnologia Guamá - Belém	Fundação com personalidade jurídica de direito privado sem fins lucrativos	Fundação Guamá
Bahia	Parque Tecnológico da Bahia - Salvador	Administração Pública Estadual	Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação do governo do estado da Bahia. (Criada pela Lei nº 2.751 de 01 de dezembro de 1969 e modificada pela Lei nº 8.897 de 17 de dezembro de 2013)
Ceará	Parque Tecnológico do Nutec - NUTEC PARTEC - Fortaleza	Fundação com personalidade jurídica de direito privado vinculada à Secretaria de Ciência e Tecnologia e Educação Superior do Estado do Ceará (SECITECE).	Fundação Núcleo de Tecnologia Industrial do Ceará (NUTEC) (Criada pela Lei nº 10.213, de 17 de novembro de 1978 e instituída pelo Decreto nº 13.017 12 de dezembro de 1978). NUTEC foi qualificada como agência executiva por meio do Decreto nº 28.306, de 30 de julho de 2006
	Parque de Desenvolvimento Tecnológico da Universidade Federal do Ceará - PADETEC - Fortaleza	Administração Pública Federal	Universidade Federal do Ceará
Paraíba	Fundação Parque Tecnológico da Paraíba - PaqT-cPB - Campina Grande	Fundação com personalidade jurídica de direito privado sem fins lucrativos, reconhecida como de utilidade pública pela Prefeitura Municipal de Campina Grande e pelo Governo do Estado conforme Lei Municipal nº 2.018 de 26 de dezembro de 1989 e Lei Ordinária Estadual de nº 7.650/2004	Fundação Parque Tecnológico da Paraíba
Pernambuco	Porto Digital - Recife	Associação sem fins lucrativos. Considerada uma Organização Social regulamentada por meio do Decreto nº 23.046, de 19 de fevereiro de 2001	O Núcleo de Gestão do Porto Digital (NGPD) (regulamentado pelo Decreto nº 23.212 de 20 de abril de 2001)

Pernambuco	Parque Tecnológico de Eletroeletrônicos e Tecnologia Associada - ParqTel - Recife	Administração Pública Estadual	Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação (SECTI)
Sergipe	Sergipe Parque Tecnológico - Sergipetec - Aracaju	Associação com personalidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, reconhecida como Organização Social Estadual pelo Decreto nº 22.940 de 23 de setembro de 2004	Associação Sergipe Parque Tecnológico - (SERGIPE-TEC)
Distrito Federal	PCTec UnB - Brasília	Administração Pública Federal	Universidade de Brasília
Goiás	UlbraTech - Itumbiara	Instituição de Ensino Superior pluridisciplinar mantida pela Associação Educacional Luterana do Brasil (AELBRA)	Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) - Associação Educacional Luterana do Brasil (AELBRA)
	Parque Científico e Tecnológico Samambaia - Goiânia	Administração Pública Federal	Universidade Federal de Goiás
Minas Gerais	Parque Tecnológico de Belo Horizonte - BH.Tec - Belo Horizonte	Associação com personalidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos	Associação Parque Tecnológico de Belo Horizonte - BH-Tec
	Parque Científico Tecnológico de Itajubá - Itajubá	Administração Pública Federal	Universidade Federal de Itajubá
	Parque Tecnológico de Viçosa - tecnoPARQ - Viçosa	Administração Pública Federal	Universidade Federal de Viçosa
Rio de Janeiro	Parque Tecnológico de Uberaba - Uberaba	Administração Pública Municipal	Secretaria do Municipal do Desenvolvimento Econômico e Turismo da Prefeitura de Uberaba. Parque criado pela Lei Municipal Lei nº 10.372 de 18 de abril de 2008
	Parque Tecnológico UFRJ - Rio de Janeiro	Fundação com personalidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos	Fundação Coordenação de Projetos, Pesquisas e Estudos Tecnológicos (COPPETEC)
	Parque Tecnológico da Região Serrana - Petrópolis	Não identificada. As informações indicam que a gestão do Parque funciona com dois conselhos que articulam os seus relacionamentos: o Conselho Estratégico (formado por 21 instituições) e o Conselho Gestor (formado por dez representações)	Não identificada

Rio de Janeiro	Polo de Biotecnologia - Bio-Rio - Rio de Janeiro	Fundação com personalidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos	Fundação Bio-Rio
São Paulo	Parque Tecnológico de Botucatu - Botucatu	Associação com personalidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, reconhecida como Organização Social pelo Processo nº 45443/13	Associação do Parque Tecnológico Botucatu
	Parque de Inovação e Tecnologia de Ribeirão Preto - SUPERA - Ribeirão Preto	Fundação com personalidade jurídica pública de direito privado instituída pela Lei Complementar nº 1.222 de 30 de maio de 2001	Fundação Instituto Polo Avançado de Saúde (FIPASE)
	Parque Tecnológico de São Carlos - ParqTec - São Carlos	Fundação com personalidade jurídica de direito privado e sem fins lucrativos	Fundação Parque Tecnológico de São Carlos (PARQTEC) Instituída pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) em 17 de dezembro de 1984
	Parque Tecnológico de São José dos Campos - São José dos Campos	Associação com personalidade jurídica de direito privada sem fins lucrativos, reconhecida como Organização Social pelo Decreto nº 12.815 de 07 de dezembro de 2007	Associação Parque Tecnológico de São José dos Campos (APTSJC)
	Parque Tecnológico de Sorocaba - Sorocaba	Administração Pública Municipal	Empresa Municipal Parque Tecnológico de Sorocaba – (EMPTS). Criada pelo Decreto nº 19.826, de 28 de fevereiro de 2012
	Parque Tecnológico Piracicaba - Piracicaba	Associação sem fins lucrativos	Arranjo Produtivo Local do Álcool. Parque instituído pela Lei Complementar nº 223, de 11 de novembro de 2008.
	Parque Tecnológico - UNIVAP - São José dos Campos	Fundação filantrópica e comunitária sem sócios instituída por escritura Pública de 24 de agosto de 1963, lavrada nas Notas do Cartório do primeiro ofício da comarca de São José dos Campos, às folhas 93 v/96 v, do livro 275.	Fundação Valeparaibana de Ensino - Universidade do Vale do Paraíba. Parque São José dos Campos foi instituído pelo Decreto Municipal nº. 12.367, de 04 de dezembro de 2006.
	Parque Empresarial Techno Park - Campinas	Associação dos Proprietários do Techno Park de Campinas	Agência de Inovação da UNICAMP (Inova UNICAMP) criada pela Resolução GR-051 de 23 de julho de 2003
	Parque Científico e Tecnológico da Unicamp - INOVA UNICAMP - Campinas	Administração Pública Estadual	Universidade Estadual de Campinas

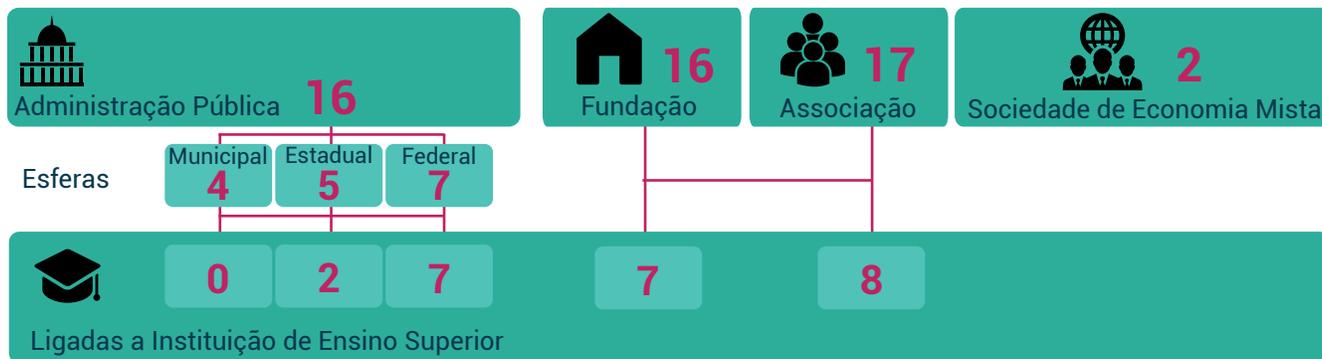
Paraná	Parque Tecnológico Itaipu - Foz do Iguaçu	Fundação com personalidade jurídica de direito privado sem fins lucrativos	Fundação Parque Tecnológico Itaipu
	Curitiba Tecnoparque - Curitiba	Agência com personalidade jurídica de sociedade de economia mista	Agência de Curitiba de Desenvolvimento S.A.
	Parque Tecnológico Binacional de Pato Branco - Pato Branco	Administração Pública Municipal	Secretaria Municipal de Ciência, Tecnologia e Inovação da Prefeitura Municipal de Pato Branco
	Parque Tecnológico de Londrina Francisco Sciarra - Londrina	Administração Pública Municipal	Instituto de Desenvolvimento de Londrina (CODEL). Parque foi instituído pelo Decreto municipal nº 596, de 16 de setembro de 2002 e ratificado pelo n.º 365 de 18 de junho de 2007
	PUCPR Tecnoparque	Universidade privada, sem fins lucrativos, reconhecida pelo Decreto Federal nº 25.794, de 9.11.1948 mantida pela União Brasileira de Educação e Assistência (UBEA), entidade jurídica de direito privado, associação de utilidade pública, beneficente de assistência social, comunitária, filantrópica, sem fins lucrativos	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) - Associação União Brasileira de Educação e Assistência
	Parque Tecnológico de Maringá - Maringatech - Maringá	Administração Pública Estadual	Universidade Estadual de Maringá
Rio Grande do Sul	Parque Tecnológico de São Leopoldo - Tecnosinos - São Leopoldo	Instituição de Educação Superior de direito privado e de natureza comunitária e confessional, mantida pela Associação Antônio Vieira, entidade civil de direito privado sem fins lucrativos, com fins filantrópicos e de ação social e cristã.	Universidade do Vale do Rio dos Sinos (TECNOSINOS) - Associação Antônio Vieira
	Feevale Techpark - Campo Bom e Novo Hamburgo	Instituição privada de Educação Superior mantida pela Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo (ASPEUR) entidade de direito privado e de caráter educativo-cultural, na forma de associação civil, sem fins lucrativos	Universidade FEEVALE - Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo (ASPEUR)
	Parque Científico e Tecnológico Regional - TechnoUnisc - Santa Cruz do Sul	Universidade mantida pela Associação Pró-Ensino em Santa Cruz do Sul (APESC) com personalidade jurídica de direito privado sem fins lucrativos.	Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) - Associação Pró-Ensino em Santa Cruz do Sul (APESC)

Rio Grande do Sul	UlbraTech - Canoas	Instituição de Ensino Superior pluridisciplinar mantida pela Associação Educacional Luterana do Brasil (AELBRA)	Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) - Associação Educacional Luterana do Brasil (AELBRA)
	Parque de Ciência, Tecnologia e Inovação da Universidade de Caxias do Sul - Tecnoucs - São Sebastião do Caí, Bom Princípio, Caxias do Sul e Bento Gonçalves	universidade comunitária e regional, mantida pela Fundação Universidade de Caxias do Sul, entidade jurídica de direito privado	Universidade de Caxias do Sul (UCS) - Fundação Universidade de Caxias do Sul
	Parque Científico e Tecnológico da PUCRS - Tecnopuc - Porto Alegre e Viamão	Universidade privada, sem fins lucrativos, mantida pela União Brasileira de Educação e Assistência (UBEA), associação de direito privado, de utilidade pública, beneficente de assistência social, comunitária, filantrópica, sem fins lucrativos	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) - União Brasileira de Educação e Assistência (UBEA)
	Parque Científico e tecnológico Univates - Tecnovates - Lageado e Encantado	Instituição de Ensino Superior e de prestação de serviços mantida pela Fundação Vale do Taquari de Educação e Desenvolvimento Social (FUVATES), fundação de direito privado,	Centro Universitário Univates - Fundação Vale do Taquari de Educação e Desenvolvimento Social (FUVATES)
	Parque Científico e Tecnológico da UPF Planalto Médio - Passo Fundo	Universidade privada, sem fins lucrativos, de caráter comunitário e regional, mantida pela Fundação Universidade de Passo Fundo, fundação de direito privado, de natureza educacional, sem fins econômicos e lucrativos	Universidade de Passo Fundo (UPF) - Fundação Universidade de Passo Fundo
	Parque Científico e Tecnológico da UFRGS - ZENIT - Porto Alegre	Administração Pública Federal	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
	Parque Científico e Tecnológico do Pampa - Pampatec - Alegrete	Administração Pública Federal	Universidade Federal do Pampa - Alegrete
	Santa Maria Tecnoparque	Associação Parque Tecnológico de Santa Maria, privada, sem fins lucrativos	Associação

Santa Catarina	Parque Tecnológico Alfa – ParqTEC Alfa - Florianópolis	Administração Pública Estadual - Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC) e fundação com personalidade jurídica de direito privado sem fins lucrativos	Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina (FAPESC) e Centro Empresarial de Laboração de Tecnologias Avançadas (CELTA)
	Parque de Inovação Tecnológica de Joinville e Região Inova-parq- Joinville	Instituição de Ensino, Pesquisa e Extensão mantida pela Fundação Educacional da Região de Joinville (FURJ), fundação com personalidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos	Universidade da Região de Joinville - Fundação Educacional da Região de Joinville (FURJ) instituída pela Lei Municipal nº 871, de 17 de julho de 1967
	Parque Científico e Tecnológico do Extremo Sul Catarinense - Iparque - Criciúma	Instituição comunitária de Ensino Superior mantida pela Fundação Educacional de Criciúma (FUCRI) com personalidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos com finalidade filantrópica	Universidade do Extremo Sul Catarinense - Fundação Educacional de Criciúma (FUCRI) instituída pela Lei Municipal nº 697 de 22 de junho de 1968 com a legislação consolidada pela Lei Municipal nº 2.897 de 15 de outubro de 1993
	Parque Científico e Tecnológico Chapecó@ - Chapecó	Instituição de Educação Superior mantida pela Fundação Universitária do Desenvolvimento do Oeste (FUN-DESTE) com personalidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos com finalidade filantrópica, de assistência social, comunitária	Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Fundação Universitária do Desenvolvimento do Oeste (FUN-DESTE) instituída pela Lei Municipal nº 141 de 6 de dezembro de 1971
	Uniparque - Negócios de inovação e empreendedorismo da UNISUL - Tubarão	Instituição educacional mantida pela Fundação Universidade do Sul de Santa Catarina com personalidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos com finalidade filantrópica	Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) - Fundação Universidade do Sul de Santa Catarina
	Órion Parque Tecnológico - Lages	Associação de direito privado sem fins econômicos	Instituto Órion. Parque foi instituído pela Lei nº 3934, de 30 de novembro de 2012
	Sapiens Parque - Florianópolis	Sociedade anônima de capital fechado, com personalidade jurídica de direito privado (Sociedade de Propósito Específico)	Sapiens Parque AS

Fonte: Os autores.

Configuração jurídica dos Parques brasileiros

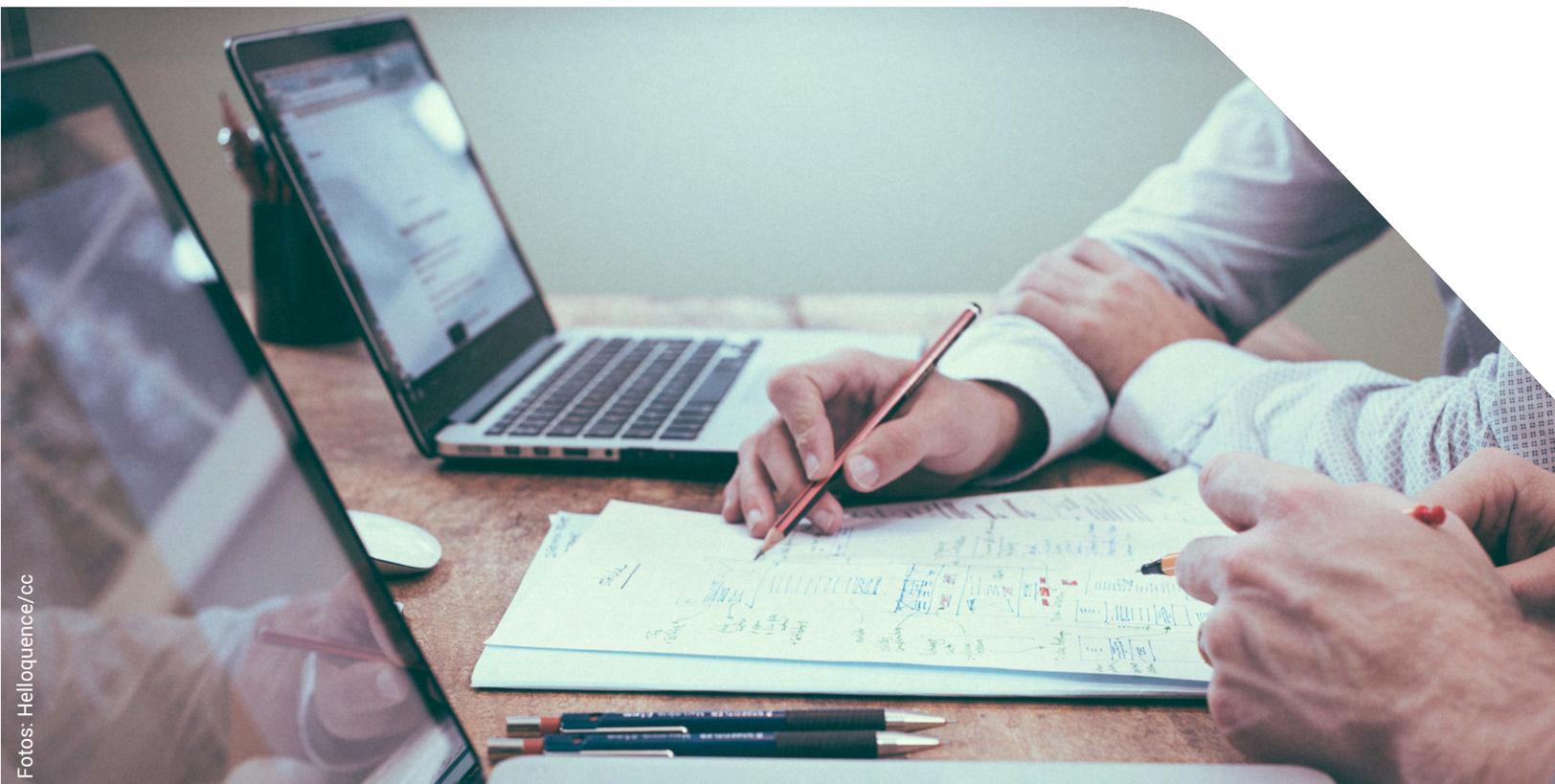


Fonte: Os autores.

A diferença na estrutura jurídica reflete diretamente em regimes jurídicos distintos e diferentes modelos de gestão. Autores como Pessoa et al (2012) indicam que diferenças de gestão e de forma jurídica podem desempenhar papel importante na capacidade do Parque oferecer condições adequadas à inovação.

De modo geral, as organizações sociais não seguem regime público e, conseqüentemente, não precisam realizar licitações para compras, serviços e contratação de pessoal. Além disso, Organizações Sociais não estão sob controle do Ministério Público e Tribunal de

Contas. Mas essas entidades não obtêm benefícios como imunidade e isenção tributárias, como ocorre com as fundações. As Organizações Sociais podem participar de editais públicos, receber recursos de emendas parlamentares, de órgãos de fomento a fundo perdido.



Vantagens (+) e desvantagens (-) das diferentes configurações jurídicas dos Parques brasileiros.

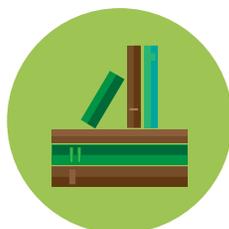
	Administração Pública		Associação		Fundação		Organização Social		Sociedade de Economia Mista	
	Sim	+	Sim	+	Sim	+	Sim	+	Não	-
Possibilidade de participação em editais públicos	Sim	+	Sim	+	Sim	+	Sim	+	Não	-
Possibilidade de acesso a recursos de emendas parlamentares	Sim	+	Não	-	Sim	+	Sim	+	Não	-
Possibilidade de acesso a recursos a fundo perdido dos órgãos de fomento	Sim	+	Sim	+	Sim	+	Sim	+	Não	-
Possibilidade de imunidade e isenção de tributos	Sim	+	Não	-	Sim	+	Não	-	Não	-
Necessidade de realizar licitação para serviços e compras	Sim	-	Não	+	Sim	-	Não	+	Não	+
Necessidade de realização de concurso público para a composição de contratação de pessoal	Sim	-	Não	+	Sim	-	Não	+	Não	+
Controle do Ministério Público e Tribunal de Contas	Sim	-	Não	+	Sim	-	Não	+	Sim	-

Fonte: Os autores.

O presente estudo possibilita uma visão holística das personalidades jurídicas e dos modelos de gestão aplicados nos principais habitats de inovação do Brasil, permitindo aos gestores o conhecimento dos modelos organizacionais que vêm ganhando espaço nos últimos anos. O referencial permite inovar, conferir maior visibilidade à sociedade e maior segurança para a tomada de decisão de gestores públicos e privados*

*Todas as referências completas em:

TEIXEIRA, C. S.; SANTOS, G.S.P.; MORÉ, R.P.O. **Personalidade jurídica de parques brasileiros**. In: Conferência ANPROTEC de empreendedorismo e ambientes de inovação, 25, 2015, Florianópolis. Anais. Florianópolis: ANPROTEC, 2015. 21p. Disponível em: <http://anprotec.org.br/Relata/AnaisConferencia-Anprotec2015/ArtigosCompletos/ID_155-X.pdf> 





INFRAESTRUTURA DE PARQUES

O MAPA DOS SERVIÇOS OFERECIDOS NO BRASIL

Parques tecnológicos devem oferecer suporte às empresas inquilinas para propiciar um ambiente favorável ao desenvolvimento. Para isso, eles precisam de instalações com infraestrutura e serviços de conveniência aos colaboradores, minimizando suas preocupações, bem como de serviços de suporte ao empreendedorismo, a fim de que as empresas estejam sempre em contato com profissionais qualificados, que possam contribuir com seu crescimento.¹

¹ MENEGAZZO, C.; DALMAZIO, S; EHLERS, A.C.S.T.; CATAPAN, A.H.; TEIXIERA, C.S.. **Os Parques Brasileiros e as Soluções e Serviços aos Empreendedores**. In: 26ª Conferência Anprotec, 2016, Fortaleza. Anais da 26ª Conferência Anprotec de Empreendedorismo e Ambientes de Inovação. Fortaleza: ANPROTEC, 2016.

AUTORES DA PESQUISA



Carolina Menegazzo



Shayane Dalmazio



Ana Cristina da Silva Tavares Ehlers



Araci Hack Catapan



Clarissa Stefani Teixeira

ANPROTEC (2008a) e MCTI (2013) realizaram estudos para conhecer os indicadores dos Parques, embora sem a identificação dos tipos de serviços que eles oferecem. Assim, o objetivo do presente estudo foi identificar as ações e soluções praticadas pelos parques brasileiros com vistas a soluções de problemas dos empreendedores. A pesquisa abrange 26 parques, cujos serviços disponíveis às empresas foram analisados identificando os mais presentes nos parques e de que forma são oferecidos. A divisão foi feita considerando i) serviços de infraestrutura e ii) serviços de suporte às empresas.

Considerações

Os parques brasileiros configuram espaços adequados ao estímulo ao empreendedorismo e à inovação. Após as análises de todos os ambientes as ações foram classificadas em: i) serviços de infraestrutura, e ii) serviços de suporte às empresas. Seus ambientes oferecem uma infraestrutura que atende às principais necessidades das empresas inquilinas, viabilizando suas instalações e funcionamento por meio de espaços físicos, serviços gerais e serviços de conveniência.

Os parques também oferecem diversos serviços que auxiliam no desenvolvimento das empresas e as ajudam a sustentar seus negócios. Estes serviços se dão por meio de assessorias, eventos, estímulo ao networking etc. Além disso, os parques apresentam diversos programas que criam oportunidades ainda maiores de desenvolvimento às empresas e seus funcionários. Um aspecto muito destacado pelos parques são os laboratórios compartilhados que estão disponíveis às empresas. São laboratórios especializados devidamente equipados para dar suporte à pesquisa e ao desenvolvimento.

PARQUES CIENTÍFICOS E TECNOLÓGICOS - Infraestrutura

ESPAÇO FÍSICO



escritórios



laboratórios



estacionamento



plug and play



espaços verdes



auditórios



lotes industriais

SERVIÇOS



telecomunicações



manutenção



segurança



coleta de lixo



transporte



portaria



saneamento

CONVENIÊNCIA



alimentação



correios



comércio



serviços bancários



biblioteca



academias

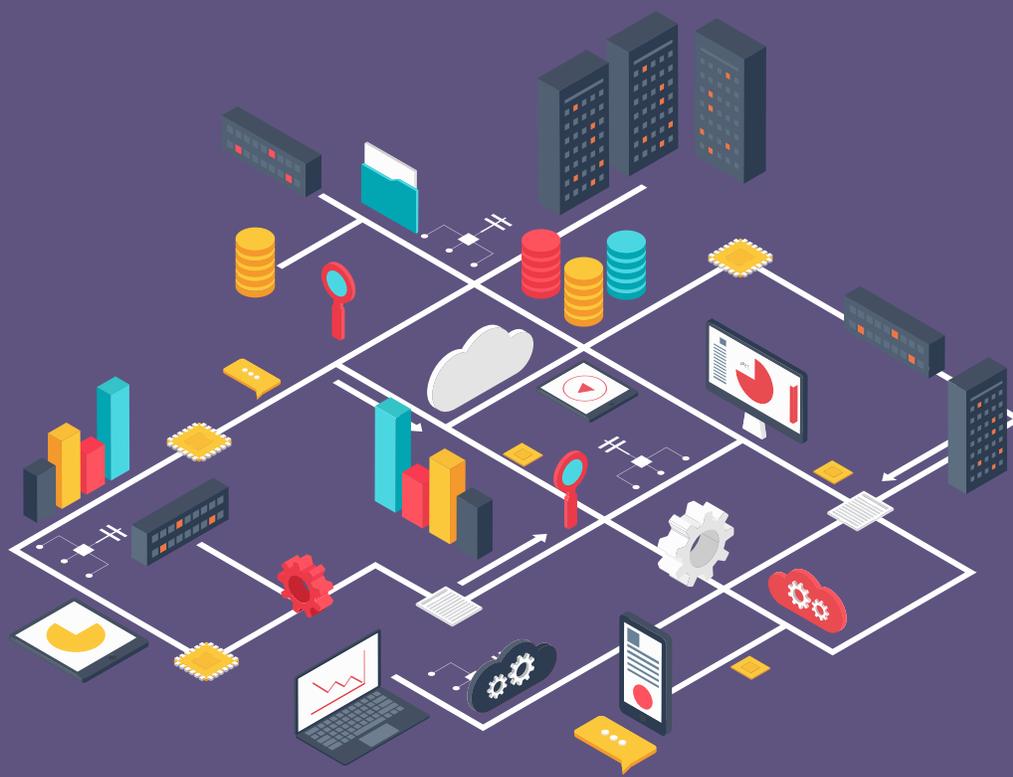
Conforme foi verificado, cada parque oferece uma gama de serviços voltada aos setores de mercado no qual suas empresas atuam. Os parques brasileiros oferecem serviços que são semelhantes aos de outros parques no mundo, o que demonstra alinhamento com as propostas de parque internacionais. É possível verificar também a presença da tríplice hélice atuando nos parques, uma vez que, além de abrigar diversas empresas, os parques contam com forte apoio governamental e estão em constante contato com as universidades.

Ainda se faz necessária a criação de novas iniciativas de serviços e atrativos que os parques podem oferecer as empresas para que elas optem por se instalar neste tipo de ambiente. Este aprimoramento deve se dar por meio da infraestrutura adequada, de serviços de suporte e programas que estimulem a criação e desenvolvimento de empresas inovadoras e também pela proximidade dos atores, que dividindo o mesmo espaço podem realizar enriquecedoras trocas de experiências. ●

Quanto mais atores do ecossistema de inovação estiverem presentes no mesmo espaço, maiores serão as possibilidades de aprimoramento da pesquisa, desenvolvimento e inovação nas empresas envolvidas.

PARQUES CIENTÍFICOS E TECNOLÓGICOS - Serviços de Suporte às empresas





COMUNICAÇÃO PARA INOVAR

CURADORIA DIGITAL E NOTÍCIA NOS WEBSITES DE PARQUES

As possibilidades atuais de se mediar informações via web e as redes sociais que a internet fortalece apresentam uma nova demanda no campo da comunicação: a experimentação continuada de novas formas de distribuição de conteúdos para alcançar públicos distintos.¹

A questão que originou esse estudo é o uso da tipologia jornalística da no-

AUTORES DA PESQUISA



Sicilia Vechi Gonçalves



Neri dos Santos



Marcelo Macedo



Clarissa Stefani Teixeira

¹ GONÇALVES, S. V.; SANTOS, N. ; TEIXEIRA, C. S. ; MACEDO, M. . **Formato notícia e curadoria digital em sites de parques brasileiros**. In: 26a Conferência Anprotec, 2016, Fortaleza. Anais da 26ª Conferência Anprotec de Empreendedorismo e Ambientes de Inovação. Fortaleza: ANPROTEC, 2016. Disponível em: <http://www.anprotec.org.br/moc/anais/ID_132.pdf>.

Com o modelo de negócio da mídia impressa em declínio e o mercado da comunicação em profunda transformação, a web potencializa experiências dos usuários em rede que emergem como alternativas para a mídia do futuro. A curadoria de informações está entre estas experiências.

tícia como base de divulgação dos Parques no Brasil, enquanto novos formatos de mediação estão se tornando apropriações características da web. Assim se evidencia, por exemplo, a curadoria digital ou curadoria de informações.

Com a finalidade de gerar inovação tecnológica, habitats de inovação como os Parques canalizam esforços para práticas de cooperação e criação de espaços de consenso (ARANHA, 2008), envolvendo Universidade, Indústria e Governo, atores que integram a Teoria da Trílice Hélice (ETZKOWITZ, 2009). O autor acrescenta que "a colaboração é baseada na comunicação de informações que, na era da informação, cada vez mais ocorre através de redes em vários níveis, do local ao internacional" (ETZKOWITZ 2009, p.31).

O formato notícia é produto da mídia impressa que caracterizou o jornalismo na sociedade industrial, próspero modelo de negócio do século XIX até o início do século XXI.

A curadoria digital é uma ferramenta de orientação aos usuários em meio à avalanche informativa na web, impulsionada inicialmente pelo surgimento dos blogs. Castilho (2014) cita como exemplos o norte-americano Kevin Kelly, autor do blog *The Technium*, que alcançou a marca de 80 mil leitores diários com postagens sobre novas mídias e tecnologias, e o projeto *Scoop*, com mais de 5 milhões de visitantes mensais, no qual um grupo de profissionais autores de blogs de diversas áreas do conhecimento publicam observações, descobertas e recomendações.

O processo favorece a geração de conhecimentos e, partindo dos temas de interesse dos públicos de Parques, estimula o compartilhamento, as relações de confiança e a geração de capital social. O objetivo desse estudo é identificar como Parques brasileiros em operação utilizam o formato notícia e a curadoria de informações em seus sites como ferramentas de produção de conhecimento.

Percurso metodológico

Pesquisa descritiva exploratória com a busca de informações qualitativas (DUARTE, 2005; GODOY, 1995).

- Levantamento de 30 Parques em operação no Brasil a partir de dados do MCTI e de TEIXEIRA et al (2015).
- Busca e análise dos sites realizada em 25 e 26/08/2015, considerando os campos de notícias, homepages e repositórios para downloads.
- Identificação, análise e categorização das ocorrências de notícias e curadoria de informações.

Definições assumidas

Parque

Complexo planejado de desenvolvimento empresarial e tecnológico, promotor da cultura de inovação, da competitividade industrial, da capacitação empresarial e da promoção de sinergias em atividades de pesquisa científica, de desenvolvimento tecnológico e de inovação, entre empresas e uma ou mais ICTs, com ou sem vínculo entre si. (BRASIL, 2016)

Notícia

Relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social. Contém necessariamente respostas às perguntas de Quintiliano (que + quem + quando + como + onde + por que) transformadas em fórmula jornalística (3Q + CO + PQ). (...) Privilegia o clímax (sensação), evitando a cronologia (MELO; ASSIS, 2010, p.55).

Curadoria Digital

A prática em ascensão no meio digital é realizada por uma pessoa ou grupo com experiência no trato com a informação em alguma temática. Eles selecionam conteúdos, filtram, contextualizam para produzir sentido, depois disseminam as informações relevantes a determinados grupos de interesse. (CASTILHO, 2015). Quando exercida por agentes humanos e não exclusivamente por algoritmos, a Curadoria Digital é também chamada de Curadoria de Informações.

CURADORIA DIGITAL



Fonte: adaptação dos autores (JARCHE, 2014; DALE, 2014), por Mariel Ramos

Resultados da Pesquisa

Ao buscar como Parques brasileiros utilizam a tipologia notícia e a curadoria de informações em seus sites como ferramentas para a produção do conhecimento, foram analisadas áreas de notícias, repositórios e áreas para downloads. Cinco foram desconsiderados por não terem tido sites próprios localizados na data da pesquisa.

Enquanto os Parques atuam em seu cotidiano para aprimorar relacionamentos em rede envolvendo seus públicos, na comunicação via web por meio de seus sites, o formato notícia é instrumento recorrente para oferecer

informações atualizadas aos públicos por meio dos sites em 80% dos Parques. Dentre eles, 75% exibem notícias datadas na página inicial do Parque, permitindo que o leitor visualize a frequência de atualização do site.

Dos títulos na primeira página da área de notícias de cada site, originam-se três categorias predominantes por finalidade de divulgação:

- **notícias institucionais**, enfocando mudanças de rotina nos Parques, novidades sobre empresas instaladas, investimentos, instituições parceiras e públicos;

- **notícias utilitárias**, de prestação de serviço ao leitor, como na divulgação de eventos e de oportunidades de formação ou de financiamento para novos negócios;
- **notícias científicas**, evidenciando temas como inovação tecnológica, pesquisa e desenvolvimento nas áreas de interesse dos Parques e também descobertas científicas de relevância internacional.

O exercício de curadoria de informações foi percebido em 16%

dos sites de Parques analisados, ou 4 entre 30, dentro e fora das áreas de notícias. Nestes campos, a curadoria foi encontrada em um observatório de notícias. Fora deles, seis parques mostraram ferramentas.

Na pesquisa, foram identificadas áreas de repositório para downloads em 32% sites de Parques, espaços potenciais para mediar produtos de curadoria de informações. Em meio à avalanche informativa gerada pela internet, a curadoria pode ser observada pelos habitats de inovação como uma orientação aos seus públicos rumos à produção do conhecimento.

Ao observar a curadoria de informações na web como instrumento para a geração do conhecimento, é possível compatibilizar seus efeitos ao capital social cognitivo (RECUERO, 2009). Enquanto as interações em rede promovem o capital social relacional, há conteúdos disseminados na rede que possuem um apelo informacional muito maior, como é o caso das notícias e vídeos. Tais formatos produzem um valor que supera o aprofundamento dos laços sociais e avança à produção de conhecimento. ●

SEIS PRODUTOS DE CURADORIA IDENTIFICADOS FORA DE ÁREAS DE NOTÍCIAS DOS SITES



Glossário com os termos relacionados às áreas de atuação do Parque



Livro digital, também chamado *e-book*, produzido de forma colaborativa



Canal de vídeos sobre empreendedorismo



Blogs especializados produzidos por colaboradores do Parque



Slides sobre empreendedorismo inovador



Roteiro para a confecção de plano de negócio

Parque Tecnológico São José dos Campos

ECOSSISTEMA PAULISTA

UMA REDE PARA AS REDES

A formação de redes estaduais para conectar os diversos habitats de inovação que surgem no Brasil vem acendendo a existência de Parques, incubadoras, aceleradoras e outros ambientes que passam de anônimos a referências dentro do contexto das redes de inovação. No Estado de São Paulo, o Sistema Paulista de Ambientes de Inovação engloba desde 2014 redes diferenciadas para cada ambiente, tendo como componentes a Rede Paulista de Incubadoras de Base Tecnológica, a Rede Paulista de Centros de Inovação Tecnológica, a Rede Paulista de Núcleos de Inovação Tecnológica e o Sistema Paulista de Parques Tecnológicos.

A gerente do Sistema Paulista de Parques, Margareth Lopes Leal, fala sobre a concepção, o funcionamento e a gestão das estruturas, esclarecendo o posicionamento dos habitats dentro delas. Para a gestora, alguns pontos-chave definiram nos últimos anos a evolução do sistema paulista: o suporte de uma série de marcos legais aprimorados, a aprendizagem do sistema sobre projetos mais ou menos maduros e a necessidade de gestão independente da estrutura governamental para os Parques, diluindo a ideia de hierarquia para sustentar a de colaboração.

REPORTAGEM



Sicilia Vechi

“O governo do Estado não tem uma interferência direta sobre os Parques, porque cada um tem seus atores e está inserido dentro de uma política de um município, mas abrimos discussão para que os projetos caminhem de forma mais consistente.”



Entrevista com Margareth Lopes Leal, gerente do Sistema Paulista de Parques

A que você atribui o crescimento e o desenvolvimento dos Parques de São Paulo até o estágio atual do sistema?

Partimos de um histórico. O Sistema Paulista de Parques, instituído pelo Governo do Estado, completou 10 anos. De 2006 a 2010, tivemos três Marcos Legais em que fomos fazendo a revisão de todos os projetos. Até 2009, nos preocupamos com o credenciamento, em como vincular projetos de parque dos Municípios a apoios do Governo do Estado. Funcionou, a princípio, meio indiscriminadamente o que era para estudo ou para investimento. Em 2009, a revisão de legislação nos fez separar um pouco mais os projetos menos maduros dos mais maduros e incentivar estudos com oferta casada à demanda. Neste

período já tínhamos 28 projetos de parques vinculados ao Paulista de Parques Tecnológicos para serem criados, um número muito grande de projetos para um ambiente tão complexo como um parque tecnológico.

E como atender a tantos pedidos?

Em 2014 nós fizemos a revisão Geral de todas as políticas públicas que apoiávamos, pois vinham entrando outras demandas de incubadoras, de centros de inovação, de institutos de pesquisa, entre tantos outros habitats. Criamos um sistema paulista de ambientes de inovação que atendesse a todos esses entes. Por meio de decreto, instituímos essa rede que compreende a Rede Paulista de Incubadoras de Base Tecnológica, a Rede Paulista

de Centros de Inovação Tecnológica, a Rede Paulista de Núcleos de Inovação Tecnológica e o Sistema Paulista de Parques Tecnológicos.

Qual a visão sobre essa nova estrutura do sistema?

A gente entende que existe uma escala de amadurecimento para cada um desses projetos. O NIT seria mais transversal em todos esses ambientes, mas entrou também como rede pela forte reivindicação dos institutos de pesquisa de ter um apoio mais estruturado, mais sistemático do governo, para uma política que ajude a suprir uma série de dificuldades e limitações. Quem tem um NIT sabe que precisa ter legislações menos "leoninas" (no sentido de cerceadoras, imobilizantes) para se ter maior liberdade de assinar um convênio e ter novas

formas de discussões sobre propriedade intelectual.

O governo do Estado de São Paulo, em toda sua experiência de acompanhamento dessas políticas públicas, entende que a gestão sempre foi um ponto muito complicado para esses empreendimentos (Parques), por que eles são lugares de negócio. E esses ambientes de negócio gerenciados apenas pelo poder público ou por uma instituição de ensino e pesquisa não estavam caminhando adequadamente.

Como essa crença reflete no Marco de vocês?

Como critérios, colocamos no Decreto que, para o credenciamento de um Parque, é necessário ter uma entidade gestora com perfil jurídico diferente uma OS, de Fundação e Empresa públicas. Nós aceitamos que ela seja sem fins lucrativos, compatível com as políticas públicas do governo. Foi que deu à luz um avanço de todos os projetos do sistema paulista porque, enquanto eles estavam na mão do poder público, havia dificuldades de continuidade dos projetos as questões políticas acabavam influenciando de forma bastante evidente a gestão.

Equipes saíam e entravam gerando descontinuidade. A partir do momento que foi uma exigência ter um perfil jurídico diferente, esses projetos tiveram uma estabilidade no seu desenvolvimento. Então eles podiam captar recurso. Ainda assim, reforçamos que a participação das instituições públicas no apoio também é fundamental. A Universidade, a prefeitura e

A incubadora, por sua vez, é o primeiro projeto de base, então com ela você caminha para o centro de inovação ou apenas mantém a incubadora com um espaço de coworking. Uma opção estrutural que discutimos muito hoje é o trabalho bem feito de uma incubadora envolver também uma aceleradora. E todas essas estruturas cabem em um Centro de Inovação, com laboratórios específicos, treinamento de mão de obra, acolhida de projetos do local em que o centro está inserido, associação com entidades de classe, entre outras ações. A evolução disso poderia ser um Parque, com todos esses ativos importantes, um ambiente complexo e bastante maturidade na atuação.

o Governo Federal são parceiros que sempre tem que estar presentes, mas não gestando, e sim participando de formas diferentes da constituição e do desenvolvimento dos Parques.

Quais os maiores pontos de atenção do Sistema atualmente?

Estamos observando bastante as incubadoras de empresas, pois elas oferecem a base empreendedora necessária. Os parques estão consolidados e é nos projetos que temos de trabalhar, porque a implantação física é a mais fácil, ela já se deu, agora, cabe o olhar do governo, não de abrir mais parques, mas de cuidar do potencial de expansão, de atrair empresas, de fazer novos negócios, de chamar a universidade, como já temos as públicas, USP, UNESP e UNICAMP em ação. Agora

é conectar o conhecimento ao setor produtivo. Os habitats de inovação são a excelência para que isso aconteça.

Qual a importância das redes nesse processo?

Essa segmentação surgiu intuitivamente em São Paulo. Conforme fomos caminhando, vimos a importância de dar atenção específica aos diferentes habitats, mas também de fazer a amarração de todo sistema. Por isso há gerência em cada um desses sistemas e nós nos reunimos, conversamos, trabalhamos juntos para que a incubadora que está isolada converse com a rede de incubadoras ou o NIT que tem um trabalho interessante possa tê-lo projetado. As redes são organizações à parte do governo, atendem requisitos específicos quando se credenciam e recebem a chancela do governo para atuarem.

Sistema Paulista de Habitats de Inovação

Conheça o Decreto (<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/2014/decreto-60286-25.03.2014.html>)

- 78 incubadoras de base tecnológica
- 50 pedidos de implantação de centros de inovação à Rede em 2014

Parque de São José dos Campos

- 400 empresas
- 5 centros de tecnologia em diferentes áreas do conhecimento
- 3 centros empresariais
- 2 universidades
- 1 faculdade de tecnologia
- 2 mil alunos
- Taxa de empregabilidade no Parque próxima de 100% após a formação

Sistema Paulista de Parques

- 20 parques credenciados
- 11 em operação
- 1 em estágio avançado - Parque de São José dos Campos

Histórico do Sistema

<http://www.desenvolvimento.sp.gov.br/parques-tecnicos>



Technopark, Campinas

Foto: Technopark/Divulgação



Foto: Sapiens/Divulgação

Vista aérea da área construída do parque

OBRAS NO SAPIENS PARQUE

BASES EDIFICADAS EM P&D E INOVAÇÃO

Os edifícios espelhados que despontam ao longo da Avenida Luiz Boiteux Piazza, entre Canasvieiras e o Bairro Cachoeira do Bom Jesus, em Florianópolis, dão sinal de que, apesar da crise econômica, 2016 foi um período de concretização de planos no Sapiens Parque, maior empreendimento voltado à inovação no Estado de Santa Catarina. Se 300 colaboradores circulavam pela área urbanizada de 172 mil m² do Sapiens no início de 2016, o parque de inovação encerrou o ano com fluxo diário de mais de 1 mil pessoas, envolvendo colaboradores de empresas, instituições de ensino e pesquisa e entidades associativas. Para 2017, consolidar parcerias e captar empresas com investimentos de peso em pesquisa e desenvolvimento configuram o próximo desafio.



REPORTAGEM

Sicilia Vechi

“Tivemos um tempo longo de licenciamentos, estruturação, viabilização de recursos, projetos e licitações. Nos últimos três anos, avançamos mais rapidamente”



Fotos: Sapiens Parque/Divulgação

José Eduardo Fiates,
diretor executivo do Sapiens /
superintendente da Fundação CERTI.

O cenário no Norte da Ilha mudou a olhos vistos muito em função das novas instalações da empresa Softplan, âncora do Parque, e do Centro de Eventos Luiz Henrique da Silveira, ambos em operação. No primeiro semestre de 2017, os quase concluídos Centro de Inovação ACATE – CIA Sapiens e a sede do Instituto Senai de Inovação também devem abrir as portas. Um restaurante próprio, a prática de atividades ao livre no entardecer e a circulação do primeiro ônibus movido por energia solar do país, este a partir de março de 2017, darão ainda mais vida ao espaço que remete a um masterplan do ano 2000. “A percepção de que o Sapiens está crescendo vem à medida que surgem prédios e pessoas. Tivemos um tempo longo de licenciamentos, estruturação, viabilização de recursos, projetos e licitações. Nos últimos três anos, avançamos mais rapidamente”, diz o diretor executivo do Sapiens, José Eduardo Fiates, também superintendente da Fundação CERTI.

Assim fica mais fácil vislumbrar as perspectivas do empreendimento, que projeta gerar cerca de 20 mil empregos e abrigar 400 empresas até 2035, nas áreas de mecatrônica, energia, ciências da vida e economia criativa. O desenvolvimento do ambiente deve compreender infraestrutura e sistemas, talentos e empreendimentos para gerar ideias e conhecimentos, produtos e serviços baseados em desenvolvimento sustentável, socioeconômico e ambiental.

Sem imunidade financeira, com projetos desafiadores

Fiates explica que os novos prédios, na verdade, não são tão novos, mas projetos anteriores às dificuldades econômicas enfrentadas nos últimos anos. “Fomos afetados pela crise e as restrições de investimentos públicos e privados, mas conseguimos concluir projetos desafiadores, inovadores e estratégicos contratados ao longo de 2015”.



Prédio da Softplan

Foto: Ítalo Padilha/UFS

Visita técnica de alunos do curso de Engenharia de Materiais

O grupo de pesquisa em habitats de inovação VIA Estação Conhecimento colabora com a atuação do Sapiens Parque para se tornar um ponto de encontro e referência à comunidade. Seja para trabalhar, aprender ou para o lazer. Uma destas atividades programadas é o **Domingo no Sapiens**, que disponibiliza programação cultural e de entretenimento nas dependências do habitat aos domingos. Também é possível visitar as dependências do Sapiens em dias úteis. Por meio do **Open Parque**, a VIA realiza interações no Parque que podem ser agendadas em <http://via.ufsc.br/contato/>. Outra atividade do grupo de pesquisa para integrar a comunidade é o Cine do Conhecimento, que exhibe filmes e documentários a fim de disseminar a cultura de empreendedorismo e inovação.



Outro de nossos desafios é trazer novas marcas, grandes empresas, nacionais e multinacionais, não necessariamente com grandes estruturas, mas com P&D e inovação avançados.

Sem imunidade às dificuldades econômicas, gestores do Parque têm trabalho intenso na busca de novos negócios. Em 2017, a partir das iniciativas da gestora Fundação CERTI, o fortalecimento de parcerias deve permear o cotidiano do habitat em torno de projetos de tecnologia. Associação Catarinense de Empresas de Tecnologia (ACATE), FIESC, SENAI, FAPESC, ACIF e UFSC estão na agenda do Sapiens.

“Outro de nossos desafios é trazer novas marcas, grandes empresas, nacionais e multinacionais, não necessariamente com grandes estruturas, mas com P&D e inovação avançados. Isso vai ajudar a integrar o Sapiens Parque à iniciativa do Centro Sapiens, que aborda a economia criativa”, diz Fiates.

Com ou sem este objetivo alcançado, 2017 deverá terminar com 3 mil pessoas trabalhando no Parque.



Epicentro de P&D

O Sapiens Parque é um parque de Inovação concebido para promover o desenvolvimento de importantes segmentos econômicos de Florianópolis, atuando na promoção da ciência, tecnologia, meio ambiente e turismo. O habitat atua também pela atração de iniciativas de Pesquisa e Desenvolvimento, implantadas em suas instalações. Em acordo formalizado em 2015, o Sapiens Parque concedeu à Universidade Federal de Santa Catarina a construção de até 250 mil metros quadrados em prédios de pesquisa e áreas de inovação no Parque, possibilitando a expansão das atuais três unidades existentes e duas planejadas para 30 futuras instalações, incluindo incubadora e laboratórios, compondo o Centro Científico e Tecnológico da universidade. O objetivo é aproximar a produção de conhecimento da universidade e as empresas, a fim de gerar soluções inovadoras. Conheça três Centros de Pesquisa da UFSC em operação no habitat.



Instituto de Petróleo, Gás e Energia (INPE-TRO)

O Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento multidisciplinar e multidepartamental da UFSC com foco nas áreas do Petróleo, Gás e Energia atua em pesquisa, desenvolvimento de projetos, prestação de serviços e formação de recursos humanos. A edificação envolveu a aplicação de recursos da Petrobras, cuja parceria com a UFSC trouxe importantes resultados. Em 2014, foram **mais de 20 projetos** envolvendo parceria e execução entre a empresa estatal e a universidade. Em 2012, o total captado atingiu R\$ 48 milhões.

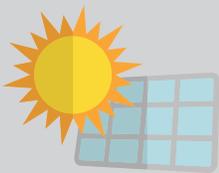


Centro de Inovação em Ensaios Pré-clínicos - CIEnP

O Centro de Inovação em Ensaios Pré-clínicos é uma instituição sem fins lucrativos, criada pelo Governo Federal com apoio do Governo do Estado de Santa Catarina, a UFSC e a Fundação CERTI, para suprir uma demanda da indústria farmacêutica brasileira por ensaios pré-clínicos em conformidade com as exigências das agências regulatórias. O objetivo é inovar no setor, com a estratégia de desenvolver e melhorar produtos farmacêuticos (humanos, veterinários e cosméticos), visando a transferência ao setor produtivo.

O CIEnP possui área construída de 5,3 mil metros quadrados, com 24 laboratórios de pesquisa para realizar estudos não-clínicos de eficácia e segurança de produtos farmacêuticos. Inserida nesse ambiente de inovação está a área disponível para incubação de empresas de base tecnológica voltadas à saúde humana e animal.

A equipe do CIEnP conta com gestores, coordenadores, pesquisadores (PhD), técnicos e pessoal de apoio qualificados para o desenvolvimento de estudos de alta complexidade. Nos últimos 20 anos, parcerias com várias indústrias farmacêuticas resultaram no desenvolvimento de alguns produtos hoje disponíveis no mercado.



Centro de Energia Solar - Fotovoltaica

O Grupo de Pesquisa Estratégica em Energia Solar da Universidade Federal de Santa Catarina, o **Fotovoltaica-UFSC**, desenvolve estudos sobre a energia solar, aplicada nas mais nas diversas áreas no Brasil. O foco são os sistemas fotovoltaicos integrados ao entorno construído e interligados à rede elétrica pública, chamados Edifícios Solares Fotovoltaicos. Sem peças móveis, de manutenção mínima, sem produzir ruído ou qualquer tipo de poluição e utilizando a energia praticamente inesgotável do sol, os Edifícios Solares Fotovoltaicos vêm crescendo em importância e aplicação em todo o mundo.

Um dos projetos recentes de maior impacto foi apresentado no 12º Salão Latino Americano de Veículos Elétricos, em 2016, o ônibus 100% elétrico que passará a transportar alunos, professores e servidores da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) quatro vezes ao dia em 2017, em um itinerário entre a universidade e o Sapiens Parque, em Florianópolis. O veículo terá emissão zero de poluentes e será recarregado em estação com energia solar, desenvolvimento que envolveu parceria de empresas como WEG, Marcopolo, Mercedes -Benz e Eletra.

O resultado é um ônibus confortável, sem emissão de barulho ou fumaça, com conexão wi-fi, espaço para reuniões e que não consome energia enquanto está parado no trânsito. Com o ônibus em operação, o Fotovoltaica-UFSC irá monitorar o consumo e a geração de energia, o desempenho do motor, entre outras características. O veículo terá uma função interdisciplinar como objeto de estudo para cursos como Engenharia Elétrica, Civil, Arquitetura, Sistemas de Automação e Ciências da Computação. A energia para a circulação do ônibus elétrico será produzida no próprio Centro Fotovoltaica, no Sapiens Parque. ●

Mais informações aqui.

Paco Negre

ENTREVISTA

“ACELERAR É MAIS URGENTE QUE INCUBAR”

Paco Negre, vice-presidente e tesoureiro da Associação de Parques Científicos e Tecnológicos da Espanha (APTE) até dezembro de 2016

Durante os coffee breaks de uma conferência no Brasil, no final de 2016, Paco Negre era visto sempre no mesmo local: recluso em uma poltrona da área de convivência analisando planilhas no computador. Mas à primeira aproximação pedindo informações sobre indicadores de Parques, o químico voltado à gestão empresarial e especialista no assunto prontamente estabeleceu uma longa conversa, em frenético Espanhol.

Em vez de uma entrevista, o então vice-presidente e tesoureiro da associação espanhola de Parques APTE (<http://www.apte.org/es/>) acabou concedendo uma aula à VIA Revista, com recomendações em série para contribuir com a gestão dos habitats de inovação no Brasil.

De impacto, sobressai a visão de que a aceleração de negócios já ativos no mercado precisa da mesma atenção que hoje se dá para a incubação. Outros pontos abordados envolvem o papel, o sucesso

REPORTAGEM



Sicilia Vechi

A APTE

surgiu em 1989, com sete parques associados, para colaborar com o desenvolvimento dos parques, a diversificação da atividade produtiva e a economia a partir do progresso tecnológico na Espanha. Atualmente conta com 66 membros, dos quais 24 são Parques universitários. Envolvem no todo 7,7 mil organizações que faturam 24,4 milhões de euros e empregam 159 mil pessoas.

e as limitações de atuação da universidade nos Parques, o trabalho com clusters e os caminhos para o acompanhamento por indicadores da gestão de novos empreendimentos no Brasil. Confira a seguir como se desenrolou a conversa com o especialista.

Política de indicadores da APTE e impacto dos parques à sociedade

Realizamos estudos sobre os indicadores de saída, que apontam o impacto dos parques à sociedade. Já existem muitos estudos relacionados à entrada de investimentos, à gestão de metros quadrados de espaço, então trabalhamos com o output, o impacto gerado sobre determinada província ou região, os empregos gerados e os impostos que as empresas pagam pela geração de inovações nos parques. Um dos nossos estudos demonstra que as empresas que estão dentro de parques têm taxas de crescimento 40% superiores às que estão fora deles.

Parques são redes, e não terrenos

É preciso esclarecer que os conceitos “dentro ou fora” para os parques têm um sentido físico que está mudando. O que antes era “dentro” do parque fisicamente, agora significa estar conectado com o parque. Falamos em áreas de inovação como espaços maiores e mais abertos, o que envolve taxas de crescimento, taxas de inovação. Temos várias teses de doutorado falando sobre o impacto, mas

Recomendações nos primeiros 10 anos do parque

Primeiramente, os novos Parques não podem estar à parte da realidade econômica. Neste mundo da Inovação e da tecnologia, podemos dizer que vivemos “na nuvem”, mas não falo da cloud tecnológica, e sim em um ambiente quase fictício, que nos faz pensar que a realidade das empresas é só isso, mas não é. Creio que é muito importante que os projetos que se desenvolvem cubram um espectro de inovação e tecnologia desde as pequenas e médias empresas, mas das que já estejam no mercado, para todo território de qualquer setor.

também sobre coisas contraditórias, porque nem sempre os projetos mais rápidos ou mais potentes são aqueles que estão nas incubadoras ou os que se instalam nos parques na Espanha. Temos uma situação em que 30% da inovação nacional ocorre dentro dos parques, ou seja, relacionada a eles. De 1,6 milhão de empresas com empregados que temos na Espanha, somente 50 mil se consideram inovadoras. Esse é um indicador que também nos preocupa.

A base dos indicadores utilizados

Temos três indicadores macro, que são a soma de três impostos, incluindo imposto sobre sociedades e imposto de renda. Do período de 2002 a 2013, de quando temos dados registrados, investimos nos parques cerca de 2 bilhões de euros e o output acumulado foi de 33 bilhões de euros. Estamos falando de um multiplicador importante, porque os parques se devem ser observados não por anos, nem por períodos de gestão, mas por décadas, e com permanente atenção para o que realmente dá frutos. Os es-

tudos pretendem nos fazer extrapolar o êxito de todos os parques mais maduros para o território nacional, demonstrando o impacto dos parques nas províncias onde eles têm mais ou menos atividades.

Influência dos Parques em P&D

A média de atividades de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) nas províncias da Espanha corresponde a 3% das empresas e sobe para 9% onde há parques com maior atividade. É certo que existem áreas geográficas onde os parques são quase um oásis, com uma realidade vinculada aos parques e outra fora deles.

Métodos e inovação para todos

Temos um projeto na Espanha em que acolhemos empresas que faturam entre 50 mil e meio milhão de euros, para ajudá-las a utilizar métodos e inovação e darem um salto. E aí há muito que fazer, porque, às vezes, parece que nos dedicamos

somente à alta tecnologia, enquanto outras áreas são tratadas como “irmãs menores”.

Clusters naturais x artificiais

Temos focalizado nas TICs, em nanotecnologia e em tudo isso que está tão na moda, mas que nem sempre irá gerar economia real. É o tema dos clusters artificiais. Sim, existem clusters naturais, que surgem de baixo para cima, que apenas emergem, e clusters artificiais, que são uma criação. Às vezes estes funcionam, mas não podem substituir o entorno dos Parques, o que é realidade para as empresas. É preciso projetar nos dois modelos. Temos alguns mecanismos para trabalhar nesse sentido: inovação; regeneração do tecido atual, que é a base da economia, os negócios que não podem ser abandonados e incubação.

O timing da incubação

Podemos trabalhar por novas iniciativas, mas precisamos ver a incubação como cuidamos de um ser humano, depois que ele nasce, não ficará mais na incubadora, estará menos limitado após superar os tantos primeiros problemas “de arranque”. Depois disso, os problemas seguintes merecem cuidados, mas entendemos que a vida das empresas também passa por uma seleção natural e, às vezes, inevitavelmente, algumas não resistem. Precisamos nos preocupar cada vez mais com o crescimento e a aceleração, apoiando bons negócios, que souberam se estabelecer, conseguiram chegar ao mercado e

precisam aprender com os que já passaram pelas mesmas fases.

Diversificação no território

Temos um programa desenvolvido em conjunto com o MIT e tentamos implementá-lo, que é um programa de aceleração em empresas selecionadas para ganharem uma “sacudida”, para ouvirem que precisam ser globais e multiplicar resultados. O que não podemos é ter só projetos que surgem da Universidade, como nos Parques universitários. Ocorre que alguns projetos são bons, outros são ruins e alguns são impossíveis de se implementar, então é preciso complementar os habitats com projetos que atraiam ramos distintos do território. Os indicadores para revelar se isto funciona são os indicadores das empresas, já que o êxito de um Parque é o êxito de suas empresas.

Integração universidade e Parques na Espanha

Não é uma relação fácil, porque os modelos são muito acadêmicos ou para promover as iniciativas da universidade e isso ocorre em algumas universidades na Espanha. Temos a Universidade Politécnica, em Valência, como exemplo, onde foi o primeiro polo de tecnologia. É a melhor. Precisamos de um número de projetos em um nível de qualidade suficiente para poder apoiar os que deem frutos. E a universidade é eclética, generalista, ideal.

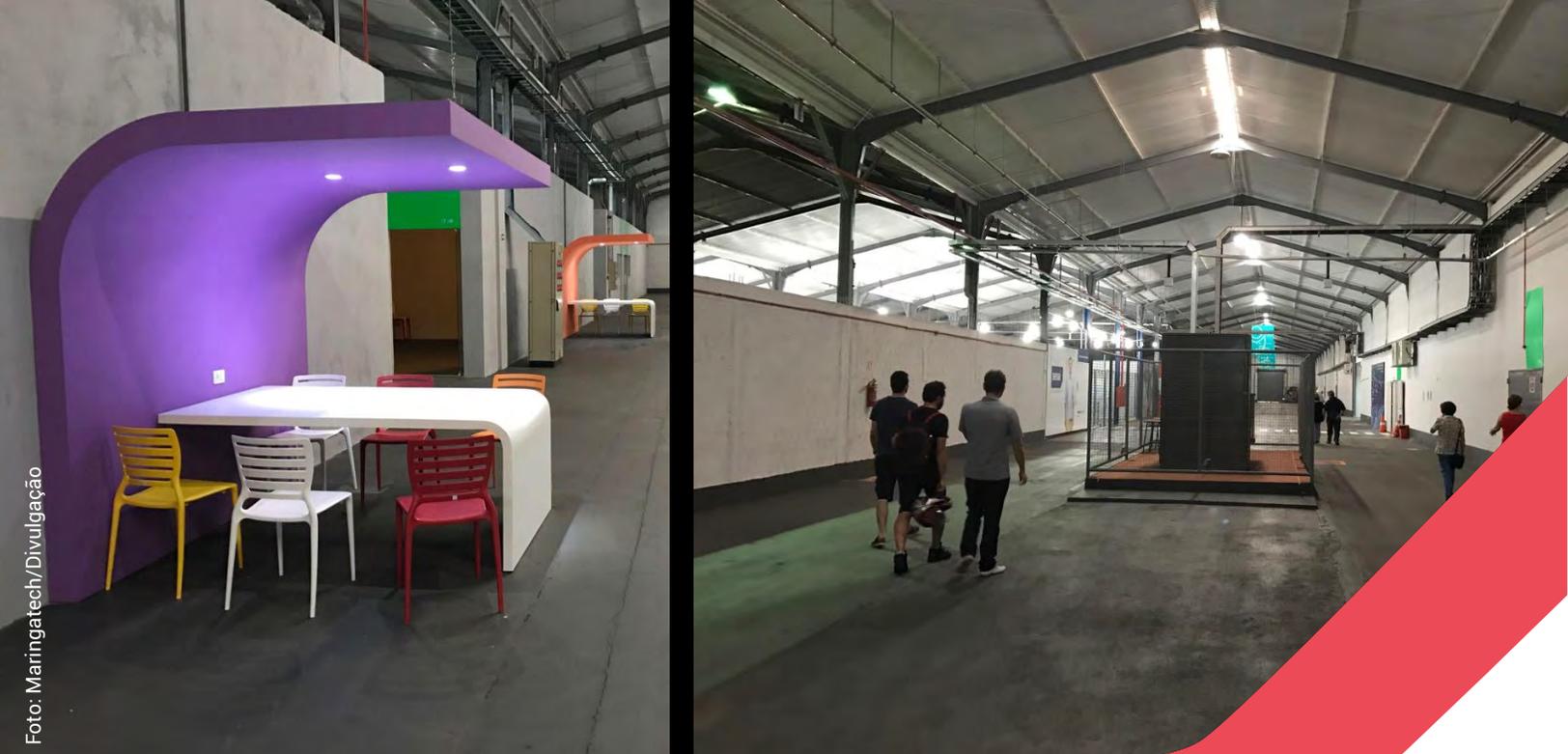
Alerta para universidades

Para universidades, os Parques são ambientes de experimentação, especialmente para as públicas.

Mas elas precisam compreender que há nos parques a terceira e a quarta missão. A primeira é formar e informar bem, a segunda é gerar conhecimento, novo, incremental e disruptivo, o terceiro ponto é transferir o conhecimento acumulado e o quarto é fazê-lo retornar à sociedade em forma de produto. Ao transferir produtos, serviços e empresas inovadoras, alteramos um desequilíbrio existente entre a geração de conhecimento e o retorno à sociedade. Na Espanha, por exemplo, estivemos em oitavo e nono lugar no mundo em geração de conhecimento e qualidade e quantidade de criação de conhecimento para nossa economia. Isso é bom, mas quando temos que devolver o conhecimento à sociedade, em forma de projetos inovadores e geração de riqueza, estamos entre 27 e 47, uma posição desproporcional.

Equilíbrio desejado

Quando superam o número de 250 trabalhadores, nossas empresas na Espanha são mais competitivas do que as alemãs, mas hoje o problema é que nossas empresas são menores, muito pequenas. E qual é o trabalho dos Parques, inclusive universitários? É contribuir para que as empresas de 10 trabalhadores tenham 50, que as de 50 tenham 100 e que as de 100 tenham 250. Essa ação tem a ver com crescimento e aceleração. Em Valência temos 17 aceleradoras, escolas de negócios, instrumentos de incubação e aceleração privados e um instrumento de investimento, fechando o triângulo incubação, aceleração e investimento. ●



MARINGATECH

DA INCUBADORA AO BERÇÁRIO DOS PARQUES

A evolução de um dos mais novos Parques inaugurado no Brasil enriquece a metáfora do termo incubadora, utilizada como a organização que dá apoio inicial a empresas voltadas à inovação. É que após 20 anos como incubadora de empresas, desde o Projeto Gênesis, de 1996, o Maringatech agora ocupa o que se poderia chamar de uma posição no berçário dos Parques científicos, tecnológicos e de inovação no Brasil.

A inauguração do Parque foi no dia 11 de novembro de 2016, no prédio do antigo Instituto Brasileiro do Café (IBC), em Maringá, no Paraná, como resultado da parceria entre a incubadora tecnológica e a Universidade Estadual de Maringá (UEM), entre outros apoiadores. Os planos para virar parque remontam de 2004 e bem representam os desafios que os habitats brasileiros enfrentam até concluírem as etapas de projeto e implantação para iniciar as operações. Das 110 iniciativas de Parques cadastradas no Brasil junto ao Ministério da Ciência Tecnologia e Inovação (MCTI), 51 estão em fase de operação. "Um parque tecnológico é um empreendimento de longa duração, precisa de um alto volume de recursos para o seu início, até a fase de implantação.

REPORTAGEM



Sicilia Vechi

***Das 110 iniciativas
de Parques
cadastradas no
Brasil junto ao
Ministério da
Ciência Tecnologia
e Inovação (MCTI),
51 estão em fase de
operação.***



Marcelo Farid,

coordenador do grupo estratégico da Incubadora

Normalmente, esses recursos são públicos. Isso acontece em quase todos os países do mundo”, explica José Antônio Silvério, coordenador do Programa Nacional de Apoio às Incubadoras de Empresas e Parques Tecnológicos na Secretaria Nacional de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação do MCTI.

Os recursos para estabelecer o Parque, da ordem de R\$ 2,5 milhões, foram investidos principalmente pela Finep e a Prefeitura de Maringá.

“Tínhamos uma incubadora tecnológica desde o Projeto Gêneses (1996) com equipe e estrutura que já a elevaram ao posto de incubadora âncora no Paraná. Algo bem, estruturado ligado à universidade, como centro de pesquisa e com visão de internacionalização. Como as empresas começaram a crescer, a estrutura de incubadora existente não estaria mais adequada a atender novos Empreendimentos. Decidimos criar, então, uma estrutura maior, para dar suporte a outras áreas e a empresas maiores. Áreas como química, biotecnologia e novos materiais foram se desenvolvendo e chegamos ao projeto Maringatech, que está se consolidando.

Essa decisão foi muito bem fundamentada pela pesquisa básica desenvolvida na universidade, com trabalhos de mestrado e doutorado, e pela análise de potencial que identificamos na região. Vislumbramos empreendimentos que possam promover mudanças e atuar em mercados mundiais, mas olhando para os clusters existentes, tendo o máximo possível de relação com as estruturas e cadeias desenvolvidas na região.”

Estrutura e operação

O ambiente com área de 14 mil metros quadrados foi projetado para abrigar até 50 empresas de base tecnológica, em áreas como biotecnologia, mecânica e mecatrônica, novos materiais, polímeros, têxtil e design, tecnologias da informação (TI) e área de alimentos. No Maringatech, a Incubadora Tecnológica dá suporte para novas empresas (startups) e para empresas residentes, aquelas que permanecem mais tempo, devido ao volume de recursos necessários para o investimento.

O espaço recém-inaugurado conta com áreas de espera para laboratórios de polímeros e biotecnologia; espaço de convivência; área administrativa; área de suporte de estratégia empresarial; praça de alimentação e mini-anfiteatros.

Em entrevista à VIA Revista, o professor do curso de economia da UEM, Marcelo Farid, coordenador do grupo estratégico da Incubadora, deu depoimento (acima) sobre o processo envolvendo projeto, implantação e início da operação. ●



Foto: Biotic/Divulgação

HABITAT EM IMPLANTAÇÃO

BIOTIC É NOVO PARQUE TECNOLÓGICO EM BRASÍLIA

O Governo do Distrito Federal tem trabalhado para que Brasília avance de forma segura, a fim de se tornar uma cidade inteligente e humana, com diversas ações estruturantes, preocupando-se em estabelecer bases sólidas para um futuro moderno e promissor.¹

A cidade inteligente e humana precisa, em primeiro lugar, ter uma infraestrutura tecnológica adequada. O Governo está trabalhando na consolidação de uma Parceria Público Privada de Iluminação Pública, com luminárias inteligentes, o que permitirá que a cidade tenha

¹ André Gomyde é Presidente da Rede Brasileira de Cidades Inteligentes e Humanas, membro do CCT da Presidência da República e Diretor da Terracap - Agência de Desenvolvimento do DF.

Hideraldo Almeida é Mestre em Políticas Públicas e Desenvolvimento pelo IPEA, Analista em C&T do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações e Líder do projeto BioTIC na Terracap.

ARTIGO



André Gomyde



Hideraldo Almeida

O BioTIC será um parque de terceira geração. A terceira geração de parques introduz uma nova filosofia de gestão. Uma diferença chave desta geração de parques é a sua natureza urbana, a qual integra o parque a uma ampla faixa de atividades socioeconômicas e culturais.

um “smart grid” (rede inteligente, em tradução livre) e que ajudará na transmissão de dados e na entrega de internet de alta velocidade para sua população, dentre uma série de outros serviços, típicos das Cidades Inteligentes. Está construindo, também, um Parque Tecnológico que contribuirá para a estruturação de uma nova matriz econômica e que fará parte do ecossistema de inovação da cidade.

Brasília, a capital do Brasil, é uma cidade que tem um enorme potencial para a prestação de serviços, especialmente no setor de tecnologia da informação e inovação. No centro do País, pode cumprir com excelência a tarefa de ser uma espécie de “hub” tecnológico, conectando mercados de todo o Brasil entre si e com o Governo Federal. Em todas as suas regiões administrativas, Brasília possui Conselhos de Segurança (Consegs) que muito mais do que discutir as questões da violência, discutem soluções de requalificação de espaços urbanos, de uma maneira que as famílias possam ocupar esses espaços com atividades lúdicas e de lazer, criando em toda a cidade um ambiente de paz. É a cidade Inteligente, mas também Humana!

Temos dificuldade no Brasil de entender que é necessário se gastar mais tempo planejando, para que se possa gastar menos tempo executando, com a certeza de ter resultados eficientes e eficazes. A cobrança da sociedade por uma agenda mais imediata provoca, muitas vezes, o início de projetos que ainda não estão suficientemente maduros para ir ao mercado;

e isso leva a desperdícios de recursos e resultados insatisfatórios que, no final das contas, são um grande prejuízo para a sociedade.

Nessa toada, o Governo do Distrito Federal tomou a decisão de estruturar projetos de média e longa maturação, planejados, e com a visão de uma cidade que pode ter uma nova matriz econômica, complementar à atual que é fortemente baseada na prestação de serviços públicos. A cidade cresce e com o crescimento aumentam seus problemas, principalmente a incapacidade de gerar emprego e renda na mesma medida de tal crescimento. Assim, a preocupação com o planejamento e com a implantação de equipamentos de fortalecimento da economia local, que possam gerar novos postos de trabalho, colocam a cidade numa rota adequada, o que será sentido em um futuro próximo por toda sua população, percebendo que Brasília voltará a cumprir o seu papel de modernidade e de vanguarda, dando exemplo para todo o País.

Nesse contexto, o Parque Tecnológico de Brasília, chamado de BioTIC (Biotecnologia e Tecnologia da Informação e Comunicação) é um projeto arrojado e que transformará definitivamente o cenário econômico da cidade no médio prazo, colaborando de maneira intensa com a perspectiva do Governo de fazer da capital uma Cidade Inteligente e Humana, que funcione com agilidade e que proporcione uma qualidade de vida alta para as pessoas, com geração de emprego e renda.

São enormes os desafios, principalmente em um cenário de total falta de recursos como vivem todas as cidades brasileiras. No entanto, a lição da gestão moderna é de que nos momentos de crise deve-se planejar o futuro próximo, para que assim que a crise passe as bases para o crescimento estejam colocadas.

O BioTIC será um parque de terceira geração. A terceira geração de parques introduz uma nova filosofia de gestão. Esta segue o modelo de uma instituição gerida por profissionais especialistas em apoio à inovação. O objetivo é ampliar a riqueza da comunidade na qual o parque está instalado através da promoção, de diversas formas, da interação governo-indústria-ciência. Este tipo de parque oferece um conjunto mais completo de serviços relacionados à inovação. Uma diferença chave desta geração de parques é a sua natureza urbana, a qual integra o parque a uma ampla faixa de atividades socioeconômicas e culturais.

A filosofia de um parque de terceira geração é a inovação interativa orientada para o “cluster” produtivo. O parque atuará no

processo de criação e transferência das inovações para a sociedade, para as empresas e para o governo, por intermédio de uma interação em que as inovações tecnológicas são adequadas às necessidades existentes ou induzidas pelas próprias inovações e, ao mesmo tempo, a partir dessas necessidades são lançadas novas pesquisas e desenvolvimentos tecnológicos. Um outro aspecto a ressaltar em relação à terceira geração é que o parque deixa de basear-se no modelo linear de geração da inovação, para fazer uso mais efetivo das redes de comunicações no desenvolvimento das relações governo-empresa-academia, em prol do desenvolvimento tecnológico e do aumento da competitividade das empresas.

O BioTIC deverá atender, ao mesmo tempo, empresas inovadoras e baseadas em conhecimento,

laboratórios de pesquisa e empresas tradicionais. Este atendimento será feito a partir da oferta de uma grande variedade de serviços, os quais são providos de uma quantidade relativamente grande de organizações, integradas em rede. Assim, o objetivo final de promover o desenvolvimento a partir da inovação passa pela geração de empresas intensivas em conhecimento, pela implantação de estratégias de suporte ao desenvolvimento contínuo de empresas já consolidadas de base tecnológica, pelo apoio à transferência de tecnologia de universidades e centros de pesquisa para empresas, sejam elas de base tecnológica ou tradicional. A propósito, o estabelecimento de mecanismos de fomento e apoio à inovação para as empresas tradicionais é um marco no modelo de terceira geração.

O projeto do BioTIC será estruturado na modalidade de "Project Finance", que consiste na utilização do próprio fluxo de caixa do projeto como principal fonte de financiamento do empreendimento, inclusive com a utilização de instrumentos do mercado financeiro no financiamento dos projetos, para tornar as operações mais transparentes e seguras. No BioTIC, os modelos de Parque Industrial, com financiamento governamental e "Venture Capital" - ou risco corporativo -, também serão incorporados ao modelo "Real Estate", uma vez que todos os ocupantes deverão, de alguma forma, remunerar o empreendimento pela ocupação dos espaços físicos e pelo uso das áreas comuns.

Com o nascimento do BioTIC, em breve, Brasília estará dando passos largos para um futuro muito melhor para sua gente, tornando-se uma Cidade Inteligente e Humana. ●



B I O T I C

A cidade viva da inovação



Jorge Audy

FUTURO PRÓXIMO

2017: ANO DE REPENSAR OS PARQUES NO BRASIL

Por Jorge Audy, presidente da Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (Anprotec)

Novos mecanismos e espaços de geração de empreendimentos inovadores é um tema atual, em discussão na Europa e pela rede mundial de parques científicos e áreas de inovação, a IASP, para o entendimento desses dois conjuntos de atores: por um lado, os que geram habitats de inovação, incubadoras, aceleradoras, ambientes de coworking e, por outro, os ecossistemas ou áreas de inovação, que são Parque Tecnológico, científico, cidades inteligentes, distrito de inovação, clusters de inovação e outros. A 26ª Conferência Anprotec, realizada em outubro de 2016, em Fortaleza (CE), teve como objetivo discutir esses novos organismos vivos surgindo no ecossistema inovador e como integrá-los em um único framework de trabalho.

Parques Tecnológicos evoluem em abrangência e transbordam seus limites físicos para a cidade, com impacto sobre as mesmas. Eles vêm trazendo não mais só a preocupação de locais de trabalho diferenciados relacionando-se ao ambiente tecnológico, mas também a ambientes conjuntos para se viver e trabalhar.

Temos observado um movimento que vem de fora do Brasil em que os Parques Tecnológicos evoluem em abrangência e transbordam seus limites físicos para a cidade, com impacto sobre as mesmas. Eles vêm trazendo não mais só a preocupação de locais de trabalho diferenciados relacionando-se ao ambiente tecnológico, mas também a ambientes conjuntos para se viver e trabalhar. O Brasil também está percebendo esse movimento e aos poucos irá se adequando.

O que percebemos neste momento é que não é mais possível obervarmos e tratarmos apenas de incubadoras, mas também de outros mecanismos, como aceleradoras, coworking e arranjos, que, no fundo, têm em comum o fato de serem ferramentas para gerar empreendimentos. Além disso, também trabalhamos com os Parques sob a perspectiva de ecossistemas de inovação, que transbordam suas fronteiras.

A ideia do Parque fechado entre muros está ultrapassada,

porque os Parques vão tomando as cidades. Esperamos amadurecer o suficiente como movimento para uma reestruturação rumo a essa atuação mais orgânica perante a sociedade. Podemos aprender muito com outros países como Finlândia, Estados Unidos, China e diversos outros, mas precisamos desenvolver nosso próprio modelo.

Dois pontos importantes se evidenciam quando olhamos para o exemplo chinês, apresentado durante a 26ª Conferência Anprotec. O primeiro deles é a velocidade, o ritmo de execução naquele país. Enquanto a construção de um prédio de 1 milhão de metros quadrados para sediar um parque leva um ano, no Brasil esse é o tempo que levamos para protocolar um pedido de análise de construção futura para uma obra desse padrão. Sendo extremamente ágeis, entre captar o recurso, aprovar o projeto e executar a obra, levamos sete anos, aqui.

O segundo ponto a se exaltar é o foco, o cumprimento

Parece muito simples, mas o efeito de investimentos chegando aos poucos e nos momentos certos é maior do que o de um grande volume de recursos chegando de vez em quando.

do planejamento estratégico. Há na china uma visão compartilhada envolvendo governo, universidades e setor produtivo, que resulta em uma constância das atividades no tempo planejado. Os recursos vêm em um fluxo regular.

Essa morosidade e a falta de perspectiva a cada mudança de gestão pública são agravantes em nosso país. Os ecossistemas de inovação no Brasil mostram que sabemos como fazer, mas é preciso que seja em escala. ●



Parques reunidos na 26ª Conferência

DICAS DE LEITURA

Estratégias de inovação como vetor de desenvolvimento do Brasil: políticas públicas para Parques Tecnológicos e Incubadoras de empresas

O livro *Estratégias de inovação como vetor de desenvolvimento do Brasil: políticas públicas para Parques Tecnológicos e Incubadoras de empresas* traz importantes contribuições de como utilizar os mecanismos de Parques Tecnológicos e Incubadoras de empresas para fortalecer as políticas de apoio à inovação, de forma a colocar o Brasil numa posição de destaque internacional.

A abordagem utilizada descreve os sistemas de inovação de outros países que podem servir de exemplo para o Brasil. Além disso, apresenta um importante estudo do impacto da política de apoio aos Parques e Incubadoras na última década, no âmbito do Programa Nacional de Apoio às Incubadoras de Empresas e Parques Tecnológicos (PNI) e um estudo de melhores práticas de Parques e Incubadoras em operação.

A obra é destinada a gestores públicos e de habitats de inovação que podem utilizar os conhecimentos adquiridos na implementação de políticas públicas na operação destes mecanismos. Destina-se também a pesquisadores, acadêmicos e empreendedores que querem aprofundar os conhecimentos sobre estes processos promotores da inovação.

Os leitores poderão conferir conhecimentos consolidados desenvolvidos durante a execução do Projeto "Parques e Incubadoras para o desenvolvimento



Foto: Anprotec/Divulgação

do Brasil", que foi financiado pelo governo britânico no âmbito do Prosperity Fund, e teve como beneficiário e co-financiador o Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovações e Comunicações (MCTIC), apoio da Anprotec e execução da Fundação CERTI – Universidade Federal de Santa Catarina.

Os organizadores são: Eliza Coral, Jorge Mário Campagnolo e Leandro Carioni. O livro traz não só o impacto das políticas públicas nos últimos dez anos, mostrando como elas são efetivas, mas também como é possível utilizar esses mecanismos como vetores de desenvolvimento para o país. ●

Onde baixar: <https://www.editoracrv.com.br/produtos/detalhes/31882-detalhes>

DICAS DE LEITURA

Parques Tecnológicos e a Inovação Sustentável

A coletânea publicada pela VIA Estação Conhecimento intitulada Parques Tecnológicos e a Inovação Sustentável de autoria de Ana Cristina de Souza Tavares Ehlers, Benyamin Parham Fard e Clarissa Stefani Teixeira, em colaboração com 65 alunos de graduação da Universidade Federal de Santa Catarina, traz alguns dos parques tecnológicos espalhados pelos cinco continentes que possuem a sustentabilidade como uma de suas principais estratégias norteadoras.

A economia mundial está mudando muito rapidamente e esta nova economia traz como seu principal ativo intangível o conhecimento, fruto do inesgotável acesso à informação, por uma sociedade global e multiconectada, através da colaboração entre indivíduos e da co-criação.

Esta expansão do conhecimento, em especial após o advento da internet, permitiu o desenvolvimento de inovações de base multi e interdisciplinar, propiciando o desenvolvimento exponencial de soluções para os grandes problemas da humanidade, dando início à busca pela inovação.

A teoria da sustentabilidade, idealizada no final da década de 1980, se faz mais imprescindível do que nunca. O mesmo acesso à informação criado pelo advento da internet trouxe empoderamento aos cidadãos, engajamento social e exigência pela transparência, obrigando o reposicionamento das empresas, tornando desta forma cada vez mais difícil as práticas corporativas lesivas aos pilares da sustentabilidade, seja ao meio econômico, social ou ambiental.



Acesse em:

<http://via.ufsc.br/download-ebook-parques/>

Nesta realidade do novo milênio, a palavra de ordem nas organizações é INOVAR para não se tornar insustentável.

Neste novo cenário global, surgiram parques de inovação em todos os continentes, com o objetivo de transformar conhecimento em inovação para solução dos grandes problemas globais.

Ainda, de forma harmônica e quase imperceptível, a inovação incorporou os preceitos da sustentabilidade, fazendo com que a programação mental destes jovens do milênio se orientasse ao desenvolvimento de soluções inovadoras que ajudem a garantir um mundo melhor para as próximas gerações. ●

Metodologia de Leitura de Entorno para Habitats de Inovação



Viviane Sartori



Araci Hack Catapan

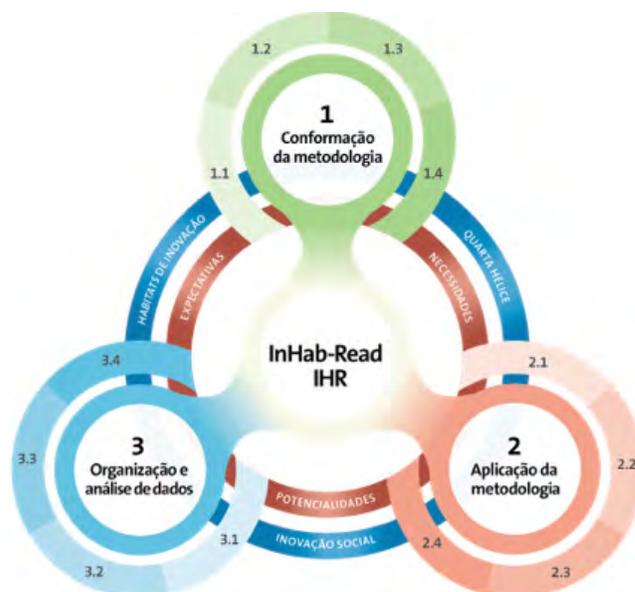
Inovação é um tema em debate que tem alimentado novos olhares e proposições em relação às contribuições socioeconômicas culturais dos Habitats de Inovação no desenvolvimento de uma região. Uma das mais recentes é a ideia da inovação social ou da Quarta Hélice no conceito de inovação. Ou seja, o conceito de inovação econômica que se sustenta na Tríplice Hélice – empresas, estado e universidade – se estende para a inclusão de mais um ator – a sociedade civil.

Essa problemática está sendo analisada pelo grupo de Pesquisa Habitats de Inovação e Empreendedorismo, do programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, da Universidade Federal de Santa Catarina. O grupo está realizando estudos para compor um aporte teórico-metodológico, analisando o entorno do Sapiens Parque. No mês de março a doutoranda Viviane Sartori defendeu a tese na qual elabora e aplica uma metodologia de leitura de entorno para Habitats de Inovação. Essa metodologia foi concebida e prototipada no entorno do Orion Parque de Lages e aplicada, para sua conformação, no entorno do Sapiens Parque.

A InHab-Read – IHR: Metodologia de leitura de entorno para Habitats de Inovação, é contextualizável, flexível, adaptável e pode ser aplicada em outros habitats de inovação, permitindo um mapeamento das necessidade, potencialidades e expectativa a partir da percepção da população do entorno.

Esta pesquisa abre uma amplitude de questões e dados para outros estudos como: utilizar a metodologia IHR para mapear entornos de outros habitats e

sustentar definições de políticas e ações direcionadas a cada contexto. A base de dados gerada pode ser utilizada para outras leituras e cruzamento de informações, identificando fatores e elementos de intersecção entre os interesses da população de entorno e as ações das organizações inovadoras instaladas no Sapiens parque.



InHab-Read – IHR – Metodologia de leitura de entorno para Habitats de Inovação

Saiba mais em: <https://youtu.be/R5zoQ-5TwwA>

VIA

Estação Conhecimento



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**